

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

A HOSPITALIDADE EM *O RAPTO DE HELENA*, DE COLUTO

EDMILSON AQUINO DE OLIVEIRA

João Pessoa
Dezembro - 2021

EDMILSON AQUINO DE OLIVEIRA

A HOSPITALIDADE EM *O RAPTO DE HELENA*, DE COLUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Letras - Línguas Clássicas com habilitação em Latim e Grego pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Felipe dos Santos Almeida

João Pessoa – PB

Dezembro – 2021

EDMILSON AQUINO DE OLIVEIRA

A HOSPITALIDADE EM *O RAPTO DE HELENA*, DE COLUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora do Curso de Letras
Clássicas da Universidade Federal da Paraíba.
Data da defesa: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe, dos Santos Almeida (Orientador)

Prof. Dr. Milton Marques Júnior (Examinador)

Prof. Diógenes Marques Frazão de Souza (Examinador)

Dedico este trabalho aos meus mestres, que
implantaram em mim o desejo pela
literatura e pela mitologia grega e latina.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado o discernimento necessário para concluir a minha graduação.

Agradeço à minha mãe Maria Antônia, por ter insistido e investido em meus estudos. Agradeço a todos os meus familiares, que direta e indiretamente contribuíram para a minha formação e que agora se alegram juntamente comigo. Agradeço em especial à minha esposa e filhos, que por vezes abriram mão do lazer oportuno para que eu tivesse tempo para me dedicar aos meus estudos.

Agradeço aos meus professores, desde aqueles que iniciaram minha alfabetização até aqueles que me incentivaram a leitura (em memória da professora Ednalva).

Agradeço ao meu orientador e professor Felipe dos Santos Almeida, que com muito empenho conduziu e deu formato ao meu trabalho de conclusão de curso e estendo os agradecimentos aos demais professores que fizeram parte da minha jornada (Willy Paredes, Hermes Orígenes, Alcione Albertim, Juvino Alves Maia, Lucas Dezotti, Marco Coronelli e em especial aos professores que compõem a banca examinadora (Erick France, Milton Marques e Diógenes Frazão).

Aos inúmeros colegas que fizeram parte da minha caminhada, meu agradecimento a todos e nomeadamente a Fábio França, Edgley Cavalcanti, José Estrela, Irmã Adriana (como carinhosamente chamamos), Camila, Priscila, Ulisses Freitas, Averaldo, Francisca Bernubia, Larissa, Rayssa, Wilton Batista e em memória a nossa querida Ana Renata.

Aos meus amigos que tanto aguardaram por este momento e torceram pelo meu sucesso, meus agradecimentos e para todos aqueles que por algum motivo duvidaram de mim, gostaria de dizer que a incredulidade e as críticas serviram de combustível para que eu continuasse e para tornar este momento possível e assim eu agradeço por vocês terem duvidado de minha capacidade.

“A coisa mais indispensável a um homem
é reconhecer o uso que deve fazer do seu
próprio conhecimento.”
Platão

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar, pelo viés da literatura clássica e da mitologia, os traços de hospitalidade contidos dentro da obra de Coluto *O Rapto de Helena*, poema que chega até nós e trata de um tema, cujo ponto central encontramos no título da obra. O estudo irá se concentrar especificamente nas ações entre Paris e Helena, na hospitalidade oferecida ao príncipe troiano, o destino de Helena traçado por Afrodite, a condução de Helena, a quebra da hospitalidade e no sonho de Hermione, como origem do rapto e consequentemente da guerra de Troia. Buscaremos proceder com a análise destes elementos baseados nos estudos bibliográficos que apontem as teorias que abarquem tanto a religião e o pensamento do povo grego antigo, quanto a religião e o pensamento do povo grego do período denominado antiguidade tardia. Para que esta análise possa ser eficiente apresentaremos uma tradução dos trechos que serão analisados, a fim de proporcionar ao leitor um entendimento da obra e da análise apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Clássica; Religião; Hospitalidade, Paris e Coluto.

ABSTRACT

This work aims to study the hospitality traits contained within Coluto's *O Rapto de Helena*. This poem reaches us and deals with a theme, whose central point is found in the title of the work. The study will specifically analyzes on the actions between Paris and Helen, the hospitality offered to the Trojan prince, the fate of Helen traced by Aphrodite, the conduct of Helen, the break in hospitality and the Hermione's dream, as the origin of the Trojan war. We will seek to proceed with the analysis of these elements based on bibliographic studies that point to theories that encompass both the religion and thought of the ancient Greek people, as well as the religion and thought of the Greek people of the period called late antiquity. For this analysis to be efficient, we will present a translation of the excerpts that will be analyzed, in order to provide the reader with an intelligible understanding of the work and the analysis presented.

KEYWORDS: Classical Literature; Religion; Hospitality, Paris and Coluto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CONTEXTUALIZANDO A GRÉCIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO...12	12
1.1 A Grécia antes e depois dos indo-europeus	13
1.2 A Grécia depois da civilização minoica.....	17
1.3 Como as invasões indo-europeias influenciaram a formação religiosa do homem grego.....	19
2.COLUTO, VIDA, OBRA E ESTILO.....	24
2.1 Coluto inserido na tradição homérica.....	25
2.2 A vida e a obra de Coluto.....	27
2.3 O Estilo da narrativa de Coluto.....	30
3 A HOSPITALIDADE EM O RAPTO DE HELENA.....	33
3.1 A hospitalidade para os gregos.....	33
3.2 A análise do poema e dos argumentos.....	39
3.2.1 Páris hóspede.....	40
3.2.2 Ausência de Menelau.....	42
3.2.3 O sonho de Hermíone e o rapto de Helena.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	49

INTRODUÇÃO

O Rapto de Helena, obra produzida pelo poeta Coluto, figura no período denominado de antiguidade tardia, sendo uma das obras que fazem parte da produção poética deste período e que chega até nós como fonte de informação do processo de transição da cultura ocidental e da cultura oriental. No entanto, não podemos deixar de observar que a memória dos autores clássicos ainda se faz presente, sobretudo, quando entendemos que estes autores serviram de inspiração e modelo para os novos poetas. Certamente os autores clássicos como Homero, Hesíodo e posteriormente os autores Nonno, Trifiodoro, Apolônio de Rhodes, entre outros, carregam em suas obras elementos que apontam uma linguagem e uma identidade poética que posteriormente irá nos ajudar a entender a obra e o contexto histórico de Coluto. Consequentemente isso nos ajuda a entender como esta obra dialoga com a sociedade antiga e a sociedade da época, pois carregam em suas estruturas narrativas elementos que irão equacionar a questão entre o passado e o presente, mesmo sabendo que o antigo sempre irá influenciar o moderno, sobretudo, tratando-se de literatura, pois, sempre iremos herdar dos antigos o que está preservado pela tradição. Com o texto de Coluto não poderia ser diferente, com isso, buscaremos dentro da obra *O Rapto de Helena* traços de hospitalidade possivelmente herdados dos povos da antiguidade clássica e que chegaram até nós por meio desta obra.

O nosso interesse pela mitologia grega e pelo tema a hospitalidade se deu desde o início do curso, pois durante o contato com as literaturas grega e latina, percebemos que este tema era recorrente, sobretudo, nas obras homéricas. O interesse pelo tema foi crescendo na mesma proporção que íamos tendo contato com as literaturas e com isso este tema se tornou ideal para o trabalho de conclusão de curso, o que a princípio era uma ideia, agora estamos acabando de consolidar.

Buscaremos por meio deste estudo mostrar, mesmo que de forma sistemática, como os povos gregos da antiguidade representavam os rituais de hospitalidade nas obras literárias e achamos necessário fazer, por meio da análise da obra de Coluto *O Rapto de Helena*, uma ligação entre os costumes dos povos da antiguidade clássica e os costumes dos povos da antiguidade tardia. Tentaremos também mostrar por meio destas obras literárias a relação de obediência, existente entre homens e deuses, pois as literaturas nos mostram que os gregos respeitavam, tanto a regra de hospitalidade quanto os valores morais.

Sendo as obras atribuídas a Homero fundamentais para a formação literária e cultural do povo grego antigo, elas não poderiam ficar fora do nosso estudo. Contudo, gostaríamos de

lembrar que elas não serão as únicas obras aqui apresentadas. Diríamos até que elas apenas nos servirão de base para analisar a obra de Coluto e como resultado desta análise, esperamos mostrar os costumes e os valores culturais do povo grego antigo em contraponto com as gerações vindouras, mesmo tendo a consciência que os valores contidos nas narrativas homéricas são diferentes das narrativas contidas em outros poemas. E com Coluto não poderia ser diferente, no entanto, mesmo sendo diversas, devemos saber que a fonte das narrativas não pode ser dissociada. Assim, podemos afirmar que cada obra carrega, dentro de sua estrutura narrativa, traços de uma sociedade e de sua contemporaneidade, mas também, traços de uma sociedade passada.

Entendemos que estudar uma obra que foi produzida há séculos e que carrega consigo valores sociais diferentes dos nossos, com um abismo existente entre as sociedades, é enorme, principalmente quando se trata da religiosidade e de valores morais. Tudo isso demanda um esforço maior de nossa parte. Por este motivo, decidimos elaborar este trabalho em três partes. A primeira parte consiste na contextualização da Grécia e a formação social e cultural do povo e do homem grego, apontando-se como este processo de formação influenciou a construção e a elaboração da obra de Coluto, a qual também é influenciada por outras obras.

No segundo momento iremos apresentar as características do autor, o contexto histórico e cultural ao qual ele está inserido, a vida, a obra e o estilo e quais obras literárias teriam servido de inspiração para a elaboração do poema e quais obras teriam contribuído para construção da obra a ser estudada.

O terceiro momento buscaremos mostrar a importância dos rituais de hospitalidade para os povos gregos antigos e como estes valores estão representados na literatura da época. Destacaremos como é feita a abordagem dentro da narrativa homérica, e posterior a isto, mostraremos, por meio das análises dos trechos propostos, como o tema da hospitalidade se apresenta dentro da estrutura narrativa de Coluto e como os povos da época em que o poema foi produzido lidavam com estas questões religiosas e morais, questões estas que vêm se perpetuando ao longo dos séculos e que alcançaram Coluto e sua obra.

Para melhor eficácia na abordagem gostaríamos de orientar o leitor para os trechos que serão analisados e como estes irão se apresentar no trabalho. Assim sendo, a tradução dos trechos referentes à obra de Coluto, nosso objeto de trabalho, é de nossa autoria e desenvolvida a partir do texto estabelecido por Pierre Orsini, constante das referências. Outros trechos dos textos gregos e latinos que aparecerem no corpo do trabalho adotarão traduções que serão informadas e referenciadas na medida em que forem citadas.

1. CONTEXTUALIZANDO A GRÉCIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO

Este capítulo terá como objetivo apresentar um contexto histórico e social do povo grego, as mudanças e as influências sofridas por eles durante o processo de invasões dos indo-europeus e consequentemente a formação cultural do homem grego como fruto dessas invasões.

A história da formação do povo grego nos direciona para um caminho pré-definido e nos situa em uma época em que as inúmeras invasões são também responsáveis pelo processo de assimilação e disseminação desta cultura, fazendo o homem grego fruto desse processo. No entanto, ao ponto que o conceito de homem grego dado por Aristóteles afirma ser o homem um animal social e que o homem grego é um fruto da πόλις, tais sugestões nos abrem um leque de possibilidades no tocante a formação do homem grego, pois, ao adotar totalmente a definição aristotélica, o homem grego assume, segundo o conceito mostrado por Aristóteles, o seu potencial humano em plenitude, porém, renuncia às suas emoções.

Portanto, a sua ideia da *Polis* como forma de organização social que permite que o homem concretize melhor as suas potencialidades, subordinava as exigências religiosas, familiares e emotivas ao lugar que ocupavam na ordem política em que se inseriam. (MURRAY, 1989, p. 201).

Segundo Murray (1989), os estudos relacionados à história e à organização social do povo grego apontam para uma luta constante na fuga desta visão aristotélica, seja esta luta consciente ou não. Para este momento não é tarefa nossa dissociar o homem grego da πόλις, pois esta tarefa não é nada fácil, mas devemos salientar a existência de vários homens gregos, o que dificulta apontar um homem grego em definitivo. Pois, segundo o autor, existe uma relação dinâmica na formação do homem grego e que atende uma classificação cronológica, mesmo que, tal visão não seja admitida de forma absoluta. De toda forma, para nosso estudo, tais definições e classificações são válidas, pois as relações existentes entre estes tipos de homem grego, as quais se constroem por intermédio de várias culturas e cada um dentro do seu tempo, são o que caracteriza a transformação e a formação cultural do povo grego e consequentemente das gerações futuras.

É quase impossível não associar as transformações sofridas pelo povo grego às invasões indo-europeias e que as contribuições trazidas por estas invasões foram de extrema importância para a formação cultural deste povo.

1.1 A Grécia antes e depois dos indo-europeus

Não poderíamos deixar de apontar que existe uma divisão clara na formação deste povo, com isso, devemos afirmar que a formação cultural do povo grego deve ser entendida antes e depois das invasões indo-europeias e partindo deste ponto buscaremos entrar nas obras de Homero e seus mitos e como estas invasões influenciaram na elaboração e construção das epopeias.

Quando chegaram do Norte os principais representantes do grupo indo-europeu que viria a ser “os gregos”, eles acharam na região um povo falando outra língua, da qual adotaram palavras – entre elas o nome do mar. Naquele momento iniciou-se em Creta uma civilização refinada e poderosa. Seu grande centro era Cnossos, cujo esplendor durou até cerca de 1400 a.C. Uma civilização muito próxima, embora mais rude, continuou na Grécia propriamente dita, em Micenas, Tirintos e Pilos. Foi a dos “aqueus” evocados por Homero. Essa civilização, por sua vez, desapareceu – da mesma forma que o uso da escrita que havia sido empregada para exprimir o grego. Novos grupos indo-europeus se alastraram pela Grécia, e nessa época se situa a chegada dos dórios, gente guerreira e rude. (ROMILLY, 1984, p.18-19)

É notório que as contribuições destes povos foram fundamentais para a formação e a disseminação cultural dos povos que irão formar a nova Grécia, contudo, as características contidas nas epopeias são frutos de uma tradição fortificada pela difusão do Mito. É de extrema importância o estudo destas invasões, pois elas nos mostram um contexto cultural e histórico na formação da Grécia e mesmo que este não seja o objetivo principal do nosso estudo, tais invasões colaboram e apontam para características que as gerações posteriores irão apresentar nas narrativas mitológicas, sobretudo, naquelas atribuídas a Homero e posteriormente, por consequência, elas irão chegar a outros poetas.

Segundo Brandão (1986) não se pode falar dos mitos gregos sem que se tenha pelo menos traçado um esquema histórico de como era a Grécia antes e depois da chegada dos indo-europeus, mesmo que este esquema seja um esboço histórico. Neste sentido e para título de conhecimento segue a citação:

Vamos estampar, de início, como já o fizera Pierre Lévêque, um quadro, um sistema cronológico, com datas arredondadas, sujeitas, portanto, a uma certa margem de erros. A finalidade dos dados cronológicos, que se seguem, é apenas de orientar o leitor e chamar-lhe a atenção para o "estado religioso" da Hélade pré-helênica e ver até onde o antes influenciou o após no curso da mitologia grega.

Neolítico I	~4500-3000
Neolítico II	~3000-2600

Bronze Antigo ou Heládico Antigo	~2600-1950
Primeiras invasões gregas (Jônios) na Grécia	~1950
Bronze Médio ou Heládico Médio	~1950-1580
Novas invasões gregas (Aqueus e Eólios?)	~1580
Bronze Recente ou Heládico Recente ou Período Micênico.....	~1580-1100
Últimas invasões gregas (Dórios)	~1200
(BRANDÃO, 1986, p.43)	

Como foi dito anteriormente, não é nosso objetivo principal o aprofundamento nos estudos históricos relacionados às invasões sofridas pela Grécia por parte dos indo-europeus, porém, não podemos deixar de destacar algumas particularidades, mesmo que de modo geral, desta forma podemos perceber ao longo dos tempos as transformações culturais e sociais sofridas por estes povos. Para tanto ficamos com o que diz Brandão:

Se os restos paleolíticos são muito escassos e de pouca importância, no Neolítico I o solo grego é coberto por uma série de "construções", obra, ao que parece, de populações oriundas do Oriente Próximo asiático. A transição do Neolítico I para o Neolítico II é marcada, na Grécia, pela invasão de povos, cuja origem não se pode determinar com segurança. O sítio neolítico mais bem conhecido é Dimini, na Tessália, e que corresponde ao Neolítico II. Trata-se de uma acrópole, de uma cidade fortificada, fato raro para a época. O reduto central contém um mégaron, ou grande sala, o que revelaria uma organização monárquica. Trata-se, e é isto que importa, de uma civilização agrícola. (1986, p.44)

Apesar das poucas evidências encontradas no Período Paleolítico, o Período Neolítico I é marcado pela descoberta de construções que são evidenciadas também no Período Neolítico II, contudo, não devemos nos apegar às construções em si, mas no que estas construções representam, desta forma, destacamos como estas construções são fontes de um forte indício de uma civilização que mantinha uma prática agrícola. Segundo Brandão (1986), os homens ficavam responsáveis pelo manejo dos rebanhos, enquanto as mulheres ficavam responsáveis pelo cultivo agrícola, pois, eles entendiam que a fertilidade feminina ajudaria no processo de cultivo e de desenvolvimento dos produtos cultivados. Outro ponto a ser observado e este talvez nos leve para próximo do caráter religioso é o culto a mãe terra ou grande mãe, como era conhecida a divindade no Período Neolítico II. Apesar de ser cedo para afirmar, as construções trazem consigo características de um povo que além da vida no campo também traziam consigo práticas religiosas que foram evidenciadas através das grandes estátuas construídas para estes deuses, como bem afirmou Brandão:

Na virada do Neolítico II para o Bronze Antigo ou Heládico Antigo, ~ 2600-1950, chegam à Grécia novos e numerosos invasores, provenientes da Anatólia, na Ásia Menor. Cotejando a civilização anterior com o progresso trazido pelos Anatólios, o mínimo que se pode dizer é que se trata de uma grande civilização, cujo centro mais importante foi Lerna, na Argólida, e cujos pântanos se tornariam famosos, sobretudo por causa de um dos Trabalhos de Héracles. Uma das contribuições mais sérias dessa civilização foi a linguística: a partir do Bronze Antigo ou Heládico Antigo, montes, rios e cidades gregas recebem nome, o que permite acompanhar o desenvolvimento e a extensão da conquista Anatólia, que se prolonga da Macedônia, passando pela Grécia continental, pelas Cíclades, e atingem a Ilha de Creta, que também foi submetida pelos Anatólios. O grande marco dessa civilização, no entanto, foi a introdução do bronze, início evidentemente de uma nova era. (BRANDÃO, 1986, p. 44-45)

Este período de transição foi de extrema importância para a formação da identidade do povo grego, sobretudo, pela forte influência linguística que os povos oriundos da Anatólia exerceu sobre a nova Grécia, e é isso que devemos colocar em evidência, pois, por conta destas invasões foi possível consolidar uma identidade cultural e religiosa mais miscigenada e complexa e no aspecto religiosa permanece a grande Mãe como a divindade soberana, mesmo este período sendo um marco de uma nova era, como afirma Brandão:

Os Gregos fazem parte de um vasto conjunto de povos designados com o nome convencional de Indo-Europeus. Estes, ao que parece, se localizavam, desde o quarto milênio, ao norte do Mar Negro, entre os Cárpatos e o Cáucaso, sem jamais, todavia, terem formado uma unidade sólida, uma raça, um império organizado e nem mesmo uma civilização material comum. Talvez tenha existido, isto sim, uma certa unidade linguística e uma unidade religiosa. (BRANDÃO, 1986, p. 45)

O período compreendido entre 2000 a.C. e 1950 a.C., marca o fim da idade do bronze e como bem destaca Brandão (1986), os povos chamados indo-europeus ainda não tinham se fortificados como uma unidade, uma raça, um povo, não da forma que posteriormente iremos observar, contudo, as características de uma unidade linguística e religiosa poderiam ser percebidas. Também chegamos ao entendimento que neste período o caráter linguístico e religioso do povo grego começa a ser formado. Neste sentido encontramos no trabalho de Brandão a seguinte citação, que irá colaborar para o nosso entendimento o modo como se deu o processo de formação religiosa destes povos:

Se não é possível reconstruir, mesmo hipoteticamente, o império indo-europeu e tampouco a língua primitiva indo-europeia, pode-se, contudo, estabelecer um sistema de correspondências entre as denominadas línguas indo-europeias, mormente, e é o que importa no momento, no que se refere ao

vocabulário comum e, partindo deste, chegar a certas estruturas religiosas dessa civilização. O vocabulário comum mostra a estrutura patriarcal da família, o nomadismo, uma forte organização militar, sempre pronta para as conquistas e os saques. Igualmente se torna claro que os indo-europeus conheciam bem e praticavam a agricultura; criavam rebanhos e conheciam o cavalo. (BRANDÃO, 1986, p. 46)

O processo de transformação cultural permanece em desenvolvimento e apesar das várias divisões sofridas pelos grupos indo-europeus é inevitável afirmar que estes povos, mesmo que fragmentados, exerceram forte influência na formação da Grécia, no entanto, fica fortemente marcada a presença dos jônios, que por meio de força e violência invadem a Grécia, subjugando os anatólios. As chegadas dos jônios marcam o período denominado Bronze Médio, e as características religiosas eram bastantes acentuadas, estes povos mantinham suas bases religiosas pautadas na família. No entanto, podemos observar uma mudança considerável no que tange a questão religiosa, pois a religião desses povos, segundo Brandão, era firmada em um pilar central, que passa do culto matriarcal para o culto patriarcal. Neste sentido encontramos o trabalho de Brandão nos diz:

Em matéria de religião, o primeiro ponto a ser observado é o deslocamento do processo de inumação, das necrópoles exteriores para dentro dos núcleos urbanos, mas as escassas oferendas encontradas nos túmulos mostram um enfraquecimento na crença em relação à imortalidade da alma ou ao menos no que se refere ao intercâmbio entre vivos e mortos. Santuários construídos em acrópole, como o de Egina, evidenciam a implantação da religião patriarcal indo-europeia na Grécia, o que explica o desaparecimento quase total das estatuetas e do culto da Grande Mãe nessa época, pelo menos nos núcleos "urbanos". (apud GONÇALVES, 2017, p. 17).

Percebemos uma leve mudança no tocante ao caráter religioso do povo grego desta época, porém, o processo de mudança e de transformação ainda não se pode dar por concluído, uma vez que diversas influências e divisões ainda acometerão estes povos a partir das novas invasões. Iremos perceber que as invasões produzem mudanças consideráveis na forma como o povo presta culto aos mortos, com isso o culto aos mortos já não recebe a mesma atenção e a mesma importância.

1.2 A Grécia depois da civilização minoica

Partiremos da seguinte questão: como ou quanto a civilização minoica exerceu influência na formação do mundo grego? Os anatólios foram subjugados pelos jônios na região denominada Grécia continental, no entanto, aparecem com expressiva força na ilha de Creta e ao que parece mantiveram uma convivência pacífica. Ao menos é o que podemos deduzir da citação:

Da barbárie jônica, que sufocara os Anatólios da Grécia, passamos à Ilha de Creta, onde, por sinal, luzia intensamente essa mesma civilização Anatólia, que até o momento mantivera contatos mais ou menos pacíficos com os povos da Grécia continental. (BRANDÃO, 1986, p.50)

A civilização denominada minoica exerceu forte influência na formação do povo grego. Alguns estudos apontam que o surgimento desta civilização data de 2800 a.C. e, partindo deste período cultural, ela pode ser dividida em três grandes períodos, a saber: Minoico Antigo (2800 a.C. - 2100 a.C.), Minoico Médio (2100 a.C. - 1850 a.C.) e Minoico Recente (1580 a.C. - 1100 a.C.). Logicamente que estas datas são aproximadas, no entanto, cada período pré-definido traz consigo características importantes no processo de formação da Grécia.

O período chamado Minoico Antigo, revela em Creta um desenvolvimento social, político, econômico e religioso, em último caso, também podemos destacar o papel da mulher dentro dessa sociedade, talvez por intermédio da força religiosa empregada pela religião cretense. Neste sentido encontramos o trabalho de Aymard e Auboyer:

No que diz respeito à família, um fato sobressai nitidamente de nossa documentação: na sociedade cretense, a mulher ocupava uma posição de relevo e gozava de uma liberdade que, então, ela desconhecia em outras regiões, e que só recobriria depois de muito tempo. A grande divindade ou, pelo menos, as divindades mais numerosas, são femininas, cabendo as sacerdotisas o principal papel nas cerimônias. (apud GONÇALVES, 2017, p.18).

O período posterior chamado de Minoico Médio, fica marcado pela queda dos grandes palácios, mesmo que para este fato não se possa comprovar algo em definitivo, pois há ao menos duas opiniões distintas. A primeira descreve que a queda dos grandes palácios se deu por conta de terremotos de grandes proporções e a outra hipótese é que a destruição teria sido causada pelos jônios.

O período denominado Minoico Recente por sua vez é caracterizado pelo desenvolvimento econômico, o que proporciona a esta civilização o domínio de grande parte

do comércio do mediterrâneo, incluindo neste leque a Ásia Menor, Síria, Egito e Grécia.

Acontece também neste período a consolidação de Cnossos, como bem nos mostra Brandão:

O comércio minoico, ativo e corajoso, transpôs as fronteiras das ilhas do Egeu, muitas das quais já estavam sob o domínio de Cnossos, levando os produtos de Creta e sua arte até a Ásia Menor, Síria, Egito e Grécia. A extraordinária prosperidade da Ilha de Minos pode também ser observada em sua arte apurada, com magníficos afrescos, relevos, estatuetas, pedras preciosas, sinetes de ouro, cerâmica decorada com motivos vegetais e animais; os palácios gigantescos, com belas colunas, afunilando para a base e com engenhosas soluções para a iluminação interior, os cognominados "poços de luz" e já com um rudimentar, mas eficiente sistema de esgotos. (BRANDÃO, 1986, p.52)

As contribuições trazidas até agora serviram para mostrar como foi de extrema importância a participação dos indo-europeus no processo de formação e transformação do povo grego, no entanto, devemos, e é isso que importa, a partir deste momento nos ater ao aspecto religioso e determinar, dentro de uma perspectiva histórica e mitológica, a relação de influência que estes povos exerceram sobre a Grécia. Segundo Brandão, a religião cretense deve ser entendida dessa forma:

Para se estabelecer uma certa ordem na desordem com que o assunto costuma ser enfocado pelos especialistas e na multiplicidade de hipóteses que cada um deles (Arthur Evans, Charles Picard, G. Glotz, P. Faure, M.P. Nilsson, R. Pettazzoni, Mircea Eliade, Jean Tulard, Pierre Lévêque, J. Chadwick...) se acha no direito de emitir, o que se deve ao modus como a religião cretense chegou até nós, vamos dividir o assunto em:

- a) locais do culto e as cerimônias;
- b) o culto dos mortos;
- c) as sacerdotisas e seus acólitos;
- d) a Grande Mãe e suas hipóstases;
- e) o grande mito cretense.

As escavações arqueológicas permitem detectar os locais de culto na Ilha de Creta através de grande quantidade de oferendas neles depositadas, como armas, esculturas, joias e do mobiliário religioso: mesas para libações, tripés, vasos sagrados. Inicialmente, são as grutas e cavernas que servem de "santuário" e de cemitério. (1986, p.52)

Pois bem, a população cretense preservou seus cultos até os últimos dias e pelo que podemos observar, foram conservados os locais de cultos e os templos, assim também como o culto aos mortos e mais uma vez as deusas (divindades femininas) retomam o seu lugar de destaque. Vasto seria o material, caso fossemos aprofundar os estudos referentes a religiosidade cretense, no entanto, decidimos aqui apenas apontar a influência que esta exerceu sobre a

formação religiosa no mundo grego, da época e das gerações futuras. Neste sentido e para reforçar nosso entendimento ficamos com o que diz Brandão:

Diga-se, de caminho, que vários mitos associados a esses primitivos locais de culto integram-se mais tarde à religião grega, como a gruta de Amniso, porto bem próximo de Cnossos, onde estava, consoante Homero, *Odisseia*, XIX, v. 188, a caverna de Ilítia, deusa pré-helênica dos partos e, mais tarde, hipóstase de Hera. (1986, p. 51-52).

Neste ponto, no que se refere à religião, já podemos notar uma leve transição do culto religioso, que posteriormente será a base religiosa grega e podemos observar como as várias invasões indo-europeias influenciaram no desenvolvimento do povo grego e no processo de transformação do homem grego, assim como, no processo de formação cultural e religiosa destes povos e das gerações futuras.

1.3 Como as invasões indo-europeias influenciaram a formação religiosa do homem grego

Não podemos deixar de destacar que as invasões dos indo-europeus trazem para o povo grego uma forte influência que pode ser observadas na política, na economia, na vida social e, sobretudo, na religião, e, este último ponto, iremos destacar melhor, pois, as relações existentes entre os vários homens gregos e a religião irá nos nortear ao longo do nosso trabalho.

Com base no que diz Brandão (1986), vários são os grupos que compõem o bloco denominado indo-europeu e ainda seguindo o entendimento deste autor estes grupos jamais construíram relações capazes de manter uma unidade social estabilizada. No entanto podemos a partir dos estudos deste autor deduzir ou apontar uma unidade linguística e uma unidade religiosa comum aos diversos grupos que compõem o conjunto grego. Vários são os povos que compõem o grupo denominado indo-europeu, no entanto podemos notar dentro destes grupos uma fragilidade que é destacada por Brandão (1986), neste sentido, fechamos o entendimento com a citação:

Pois bem, essa frágil unidade, mal alicerçada num "aglomerado de povos", rompeu-se, lá pelo terceiro milênio, iniciando-se, então, uma série de migrações, que fragmentou os Indo-Europeus em vários grupos linguísticos, tomando uns a direção da Ásia (armênio, indo-iraniano, tocariano, hitita), permanecendo os demais na Europa (balto, eslavo, albanês, celta, itálico, grego, germânico). (BRANDÃO, 1986, p. 45)

É importante apontar as várias ramificações sofridas pelos povos indo-europeus, pois será a partir delas que iremos entender melhor as relações existentes entre estes povos e a

formação do sistema religioso das gerações posteriores a este período. Neste sentido vejamos como se deu estas divisões e depois chegaremos em nosso objetivo maior, dito isto segue a citação:

A partir dessa dispersão, cada grupo evoluiu independentemente e, como se tratava de povos nômades, os movimentos migratórios se fizeram no tempo e no espaço, durante séculos e até milênios, não só em relação aos diversos "grupos" entre si, mas também dentro de um mesmo "grupo". Assim, se as primeiras migrações indo-europeias (indo-iranianos, hititas, itálicos, gregos) estão séculos distantes das últimas (baltos, eslavos, germânicos. . .), dentro de um mesmo grupo as migrações se fizeram por etapas. Desse modo, o grupo itálico, quando atingiu a Itália, já estava fragmentado, "dialetado", em Latinos, Oscanos e Umbros, distantes séculos uns dos outros, em relação à chegada a seu habitat comum. Entre os helenos o fato ainda é mais flagrante, pois, como se há de ver, os gregos chegaram à Hélade em pelo menos quatro levadas: Jônios, Aqueus, Eólios e Dórios e, exatamente como aconteceu com o itálico, com séculos de diferença entre um grupo e outro. Para se ter uma ideia, entre os Jônios e os Dórios medeia uma distância de cerca de oitocentos anos! (BRANDÃO, 1986, p.45-46)

Apesar das várias e sucessivas dispersões sofridas pelos indo-europeus e dada a devida proporção a estas divisões, certamente podemos depreender que vários foram os empréstimos culturais fornecidos para a formação das gerações gregas futuras, sobretudo quando aproximamos tais contribuições do grupo de ramificação denominado helenos (jônios, aqueus, eólios e dórios). Ressaltamos a importância desta contextualização no que se refere às diversas ramificações e sobretudo, em especial a derivação dos helenos e sendo um pouco mais restrito, pois é a partir daí que podemos apontar as relações culturais e religiosas mostradas por Homero em suas narrativas e assim entender as transformações sofridas pelas denominadas gerações futuras. Logo encontramos no trabalho de Brandão uma referência ao povo aqueu e à formação cultural do povo grego, e é a partir daí que seguiremos:

Com as necessárias precauções, isto sim, é possível estabelecer, partindo-se do II canto da *Ilíada*, na parte relativa ao Catálogo das Naus, em que o maior dos poetas épicos rememora os tempos heroicos da Guerra de Tróia, a dimensão do mundo aqueu, que se estende, ao norte, desde a Tessália até o extremo sul do Peloponeso, abrangendo, além de Creta, várias outras ilhas, como Ítaca, Egina, Salamina, Eubéia, Rodes e Chipre. Não se trata, evidentemente, de um império, mas de vários reinos, alguns territorialmente diminutos, mas independentes entre si, preludiando já no século XVI a.C. o que seria a Grécia clássica, uma Grécia fragmentada em Cidades-Estados, não raro antagônicas e que dificilmente se congregam até mesmo contra o inimigo comum, como aconteceu nas guerras Greco-Pérsicas. Pois bem, esses reinos, pequenos e grandes, cuja hegemonia parece ter sido de Micenas, estão todos centralizados em grandes palácios, como Pilos, Micenas, Esparta, Tebas. (GONÇALVES, 2017, p.20)

Podemos depreender que o período que nos é mostrado de fato pode ter sido a fonte de inspiração para Homero elaborar suas epopeias: *Ilíada* e *Odisseia*. Além disso, dada a devida atenção, isso pode nos mostrar como os deuses eram retratados nestas obras. Portanto, as obras atribuídas a Homero são na verdade uma demonstração ou melhor dizendo uma representação da relação de proximidade do homem grego com os deuses e consequentemente com a religião. No entanto, ao que nos parece, tal representação era privilégio de poucos, quase sempre destinada ao homem guerreiro, ao herói, ao aristocrata e nem sempre ao homem comum.

Partindo deste entendimento é notório que devemos associar a formação deste povo a um dinamismo que permita estabelecer uma relação entre homem e sociedade, de modo que aqui encontramos traços de uma sociedade grega antiga, mas também encontramos traços de uma geração futura e atual, que dentro de uma fusão estabelecida culturalmente, pode ser vista, simultaneamente, cada uma a seu tempo, como homens gregos iguais e diferentes (MURRAY, 1989). Com isso, estamos aqui mostrando que a formação deste povo se deu de maneira gradativa e continuada e as gerações futuras sempre carregaram traços característicos das gerações passadas e tais características são retratadas por Homero em suas epopeias, características estas que nos traz uma visão mitológica sobre a formação do homem grego, destacando seus personagens e heróis, que retratam a relação existente entre homens e deuses, mas sobretudo ressaltam a relação que estes heróis estabelecem com a sociedade.

Poderíamos aqui, partindo das informações trazidas por Homero em suas epopeias apontar uma predileção pelo homem grego guerreiro ou pelo herói grego ou essa distinção nunca existiu entre os gregos? Ao que consta nas narrativas mitológicas homéricas parece fácil tomar partido nesta discussão, pois desde sempre, a representação das relações que os povos gregos mantinham com o outro, parece quase sempre ser de distinção seja ela de classe ou de povos. Mas este não é nosso objetivo, deixemos esta discussão para outro estudo e nos ateremos apenas no caráter de obediência para com determinadas instituições, presentes em Homero.

Ao que consta em nossas literaturas, a relação dos gregos com os outros parece se desvelar, sobretudo, quando se trata dos valores defendidos pelas epopeias homéricas, pois, são estes ritos ou mitos que serão apresentados às gerações presentes e futuras e que servirão como exemplos a serem seguidos. Certamente, o caráter religioso que irá ser estabelecido entre o grego e o outro (estrangeiro) vai ser destacado nas epopeias homéricas, sobretudo, na forma de comensalidade. Buscando entendimento a respeito deste ritual de comensalidade encontramos o trabalho de Murray que nos diz:

Dada a primazia da terra e dos seus produtos no mundo antigo, o excedente agrícola é o mais geralmente usado para estruturar a sociedade e a sua cultura. A redistribuição desse excedente, efetuada durante as festas religiosas, cria, graças ao seu ritual preciso, um modelo de sociabilidade que vai servir depois para as outras relações sociais. Certos produtos em especial, por serem bastante raros, tornam-se símbolos de estatutos privilegiados; o banquete é ritualizado e serve para definir a comunidade como um todo. Ou uma classe dentro dessa comunidade. Na Grécia, os produtos mais carregados de significado são a carne e o vinho, reservados para ocasiões especiais e consumidos em rituais especiais. A carne é um alimento sagrado, reservado aos deuses e aos heróis do passado. É consumida sobretudo durante cerimónias religiosas ligadas ao sacrifício em que a oferenda é queimada: os deuses recebem o perfume das vísceras, enquanto os homens festejam juntos, comendo o animal que acaba de ser morto e cuja carne foi cozida para ficar tenra. Essas cerimónias não são acontecimentos raros; trata-se de ocorrências normais, estruturadas de acordo com um complexo calendário de festividades. (MURRAY, 1989, p.202)

Na verdade, os encontros da sociedade grega arcaica eram quase sempre em sua totalidade, regrados pelo ritual da comensalidade e mesmo tendo implícito um caráter econômico, não se afastavam em todo caso do seu caráter social, cultural e religioso, uma base constitutiva das comunidades gregas e conseqüentemente das civilizações futuras.

Neste mesmo sentido Murray (1989) nos diz que os poemas homéricos retratam o mundo grego basicamente estruturado em torno dos rituais de comensalidade, logicamente que estes fatos estão ligados ao homem grego da época heroica e as características pertencentes a este tipo de homem grego, são, basicamente, a sala destinada aos banquetes e o armazém, que guardava e conservava o excedente da produção. Dentro de uma perspectiva positiva encontramos os fortes rituais de comensalidade sendo seguidos por vários homens gregos ao longo da história. Neste sentido ficamos com o que diz Murray (1989):

A complexa relação desta representação poética com uma qualquer realidade histórica não deve interessar-nos. Os Poemas Homéricos dão-nos uma imagem de uma sociedade passada que reforça uma imagem mental «contemporânea» e, ao mesmo tempo, influência a evolução futura da comensalidade grega. É certo, porém, que essa imagem tem todas as probabilidades de ser uma imagem parcial, ignorando as formas de sociabilidade do povo, nomeadamente as que se referem às festividades religiosas. (MURRAY, 1989, p.205).

Mesmo que fiquemos com uma imagem parcial do que venha a ser a manifestação da comensalidade dentro da sociedade grega e mesmo que estes rituais não tenham alcance histórico, o que importa é que no âmbito religioso estes traços poéticos contidos nas epopeias

são mais do que evidência da evolução cultural e religiosa do povo grego. Segundo Murray (1989), os rituais mostrados nas epopeias homéricas são fortes indícios de uma sociedade que quase sempre se reúne em volta dos banquetes, o que representa, dentro da sociedade grega, um importante sinal de desenvolvimento. Geralmente os sacrifícios dos animais que serão servidos nos banquetes que antecedem os rituais de hospitalidades são primeiramente ofertados a alguma divindade, isso demonstra o caráter religioso destas festividades. Vejamos a citação:

Se a *Ilíada* exprime a função social «externa» do banquete guerreiro na organização da atividade militar, a *Odisseia* é uma poesia épica «interna», construída como entretenimento para o banquete. Cada episódio das viagens de Telêmaco é assinalado pela experiência da comensalidade: toda a ação converge para o banquete ou se afasta dele. A narrativa central das viagens de Odisseu é apresentada como uma representação durante o banquete, que compreende diversas e até opostas formas de comensalidade, entre os Locófagos, entre os Ciclopes, Junto de Circe e no mundo dos mortos- Em Ítaca, a refeição simples do porqueiro contrasta com o banquete imundo dos pretendentes que saqueiam a casa do herói ausente. (MURRAY, 1989, p.205).

Partindo deste entendimento, as duas grandes obras homéricas carregam dentro de suas narrativas fortes indícios dos costumes destes povos, mas, também nos mostram exemplos que não devem ser seguidos, pois se afastam dos valores quando se trata do cumprimento dos rituais de comensalidade ou da hospitalidade. As referências a estes valores, estão fortemente representadas na *Ilíada* e na *Odisseia*. Certamente estes costumes eram observados por grande parte dos povos gregos, pois estes perseguiam a todo custo a honra e para o povo grego da época, ser honrado significava receber bem seu hóspede (estrangeiro). Encontramos aqui um ponto convergente entre o grego e o outro, se antes as relações eram baseadas em divisões de classes, na narrativa homérica estas distinções parecem ter desaparecido em certo grau, pois o estrangeiro era tratado de forma igual.

Segundo Murray (1989), de maneira geral, diferentemente dos períodos anteriores, os banquetes, desta época, eram marcados acima de tudo pela igualdade e até mesmo os hóspedes que não eram convidados para o banquete recebiam sua parte, independentemente de serem nobres ou mendigos. Tais traços podem ser comprovados em diversas passagens na *Ilíada* e na *Odisseia*, no entanto, esta abordagem será feita a posterior em momento oportuno.

2. COLUTO, VIDA, OBRA E ESTILO

Este capítulo terá como finalidade apresentar Coluto, sua obra *O Rapto de Helena*, como se deu sua construção e o contexto histórico e cultural no qual o poeta está inserido. Para atender nossos objetivos buscaremos apontar através de outras obras literárias singularidades e similaridades que possam ser comparadas com a obra estudada.

Pois bem, parece que a fonte é mais uma vez Homero, então tomaremos como ponto de partida as duas grandes obras atribuída a Homero: *Ilíada* e a *Odisseia*, que, ressalvo, devem ser lidas dentro do contexto em que foram produzidas. Mas aqui para o nosso estudo, não nos prenderemos longamente a estas obras, pois nos servem apenas de base para o estudo da obra de Coluto, *O Rapto de Helena*. Certamente, entendemos que as duas grandes obras homéricas nos trazem referências relevantes para o nosso estudo sobre a hospitalidade.

As obras atribuídas a Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, duas obras bastante extensas, a primeira contendo cerca de 15 mil versos e a outra contendo cerca de 12 mil versos, são epopeias compostas, ambas, em hexâmetros dactílicos. A *Ilíada* como é comumente conhecida, retrata um momento da guerra dos gregos contra Troia, uma narrativa amplamente difundida, que nasce da tradição oral e se eterniza através do poeta Homero. Da mesma forma, a *Odisseia* torna-se conhecida ao narrar a volta de Odisseu a sua casa, após a invasão da cidade de Troia. Essas epopeias são atribuídas a Homero, poeta que viveu no século VIII a.C, porém, não podemos precisar exatamente a origem do poeta e nem tão pouco a época em que viveu, mas estudos mais elaborados apontam que o poeta Homero seria originário da região da Ásia menor e que teria vivido por um tempo em Quios.

Apesar de sabermos pouco a respeito da origem de Homero, suas obras são de qualidade incontestável e serviram de modelo para os poetas da sua época e para os poetas seguintes, pois seus poemas foram amplamente difundidos por toda a Grécia e serviram como base para a formação cultural e educacional do povo grego. A questão sobre a origem do poeta Homero é objeto de estudo até os dias atuais, no entanto, não cabe aqui nesta abordagem o aprofundamento deste tema. Basta sabermos que apesar das indefinições que circundam sua origem, suas obras são incontestáveis e fazem parte da tradição e da cultura grega.

Após o século VIII a.C. a Grécia fica marcada pelo desenvolvimento econômico fruto de um processo de colonização e o grande crescimento do comércio. Com a Grécia em ascensão, a cultura e a poesia também começam a se desenvolver e com isso surgem os poetas que segundo a tradição se aproximam de Homero. Os fatos característicos que comprovam esta

aproximação são o uso da métrica e da linguagem poética, que podem ser traços característicos da tradição homérica. Um dos poetas que fazem parte desta aproximação temporal é Hesíodos, que, mesmo sendo próximo a Homero e retomando a tradição oral, tem suas obras distantes em parte dos traços homéricos, pois seus poemas retratam, ao menos em uma obra, a vida simples do campo, enquanto Homero apresentava a vida de uma aristocracia. Hesíodos, filho de camponês, escrevia seus poemas inspirados na vida do campo.

2.1 Coluto inserido na tradição Homérica

Segundo Romilly (1984) os gregos estabeleceram uma ligação entre Homero e Hesíodos, mas isso poderá se comprovar quando compararmos a métrica e a linguagem, saindo deste ponto, os dois poetas não se aproximam, ao contrário, eles representam universos diferentes, mesmo estando cronologicamente próximos. Por outro lado, Coluto, que irá surgir séculos depois, parece se aproximar de Homero, sobretudo por sua métrica e por sua linguagem, predominantemente, a princípio arcaizante. Encontramos no trabalho de Marques Júnior (2005), na apresentação feito pelo professor Murachco, tais referências:

Colutos, como os outros poetas, Nonnos e Quintus de Esmirna, tem uma língua e versificação arcaizantes, sobretudo homérica, retomando uma tradição helenística de Calímaco (315-244 a.C.) e Teócrito (283 a.C.). Há outra obra que chamaríamos de pseudo-*Argonáuticas*, que circula nessa época e imita Apolônio de Rodes, mas cujo tema central, ao lado do velo de ouro, e o rapto de Medéia, outra figura feminina que, ao lado de Helena, marca fortemente presença em toda a literatura grega. (MARQUES JÚNIOR, 2005, p.9)

No entanto, como foi dito, foram precisos alguns séculos para que a poesia de Homero chegasse até Coluto, mas, as características contidas em uma de suas obras, *O Rapto de Helena*, nos mostram elementos épicos e mitológicos, tal qual encontramos nas epopeias atribuídas a Homero. Isso nos permite fazer uma breve comparação de estilo entre os dois poetas, logicamente que serão necessários elementos mais claros para que esta sugestão possa ser válida. Neste sentido encontramos o trabalho de Romilly (1984):

É o caso então de pensar que, mesmo se, na época de Homero, a escrita acabava de reaparecer, e ainda que ele próprio tivesse podido recorrer a ela, o ponto de partida de seus poemas foi uma literatura oral do mesmo tipo, com um sortimento de heróis e de “gestas”, cujo tratamento podia variar, quanto aos detalhes, de um Aedo a outro, de um lugar a outro, de um século a outro. (ROMILLY, 1984, p.20).

Mais uma vez ressaltamos que o foco da narrativa de Coluto é um tipo de épico, de narrativa mitológica com diversos personagens heroicos. Mesmo havendo uma leve transformação na narrativa, Coluto não foge totalmente da tradição homérica, no entanto, não podemos estabelecer uma comparação entre as obras, logicamente, por se tratar de obras diferentes, produzidas por autores diferentes e em contextos diferentes. Desta forma, apesar do distanciamento temporal existente entre os dois autores e as duas obras, não podemos descartar a possibilidade da obra de Coluto dialogar com a obra de Homero, sobretudo, pelo fato da obra *O Rapto de Helena* trazer em sua narrativa a retomada do mito e da tradição grega e homérica, mesmo havendo uma modificação significativa por parte de Coluto no tocante a sua obra. Com isso podemos apontar que os acréscimos e as alterações trazidas por Coluto na obra *O Rapto de Helena*, são perfeitamente aceitáveis, pois, fazem-se entender em diálogo com a tradição.

Neste contexto, não podemos deixar de afirmar que a obra de Coluto, *O Rapto de Helena*, figura dentre as principais obras literárias da sua época e destaca a presença da figura feminina. Certamente, Coluto não retratará a figura de Helena da mesma forma que outros autores retrataram, por este motivo ele, em seu trabalho, parece mostrar uma Helena diferente daquela retratada por Homero na *Ilíada*: os traços de uma beleza estonteante, que é presença marcante na epopeia de Homero, parecem não ter sido destacados por Coluto. Talvez isso tenha sido feito deliberadamente, ou este não seria o propósito de sua obra, logo, o que podemos observar é que o autor destaca, dentro de sua narrativa, não a beleza estonteante de Helena, mas a sua obediência aos deuses. Neste sentido encontramos o que diz Murachco:

No caso em foco, a figura de Helena, embora epigonal, não aparece com a força que se espera. Ela é mero jogo das deusas, ou melhor, de Afrodite a quem é submissa. Não tem a dramaticidade do personagem de Eurípides e mesmo da bela peça oratória de Górgias, *O elogio de Helena*, nem lembra ao leitor a Helena na *Ilíada*, que os anciãos de Tróia contemplam de longe, identificando nela a causa da ruína da cidade, mas, seduzidos por sua beleza, suspiram “mas vale a pena”. (MARQUES JÚNIOR, 2005, p. 9).

Neste mesmo sentido Michael Neander nos mostra que a obra de Coluto traz consigo esse caráter de obediência aos deuses. Inclusive, os textos de Coluto eram utilizados por ele em suas salas de aula, pois, a referida obra serviria como escala moral e como referência de como os homens poderiam ser castigados pelos deuses de acordo com suas ações, sobretudo pelas ações destes homens durante as guerras, mas também, que estes homens poderiam sofrer castigos dos deuses por condutas imorais praticadas em seu cotidiano (RUIZ PÉREZ, 2004, P. 340),

Segundo Romilly (1984) tais traços nos remete, mais uma vez, ao mundo homérico, em que os homens estabelecem relações de obediência para com os deuses, seja esta relação particular e individual ou seja uma relação mais ampla, a exemplo dos deuses lares ou “δαίμων” (divindade). Neste ponto chegamos ao entendimento que as leis estabelecidas pelos gregos partiam diretamente das relações de obediência que eles mantiveram com os deuses, com isso, podemos fazer um paralelo entre as epopeias homéricas e a obra de Coluto: *O Rapto de Helena*. Certamente trataremos deste tema mais adiante, mas para este momento nos contentaremos em estabelecer uma ligação de obediência entre os deuses e os humanos, pois este é um ponto pertinente para analisarmos uma das ações trazidas por Coluto em sua narrativa.

2.2 A vida e a obra de Coluto

Achamos necessário, neste momento, trazermos informações referentes ao autor e à obra e situá-los dentro de um contexto cultural e temporal. As informações que circulam dentro do meio acadêmico não nos trazem dados definitivos a respeito da origem de Coluto. No entanto, a grande maioria parece seguir a mesma linha de entendimento e destacamos aqui dois trabalhos que achamos relevantes para entendermos melhor o autor.

O trabalho de Marques Júnior (2005, p. 11) contextualiza Coluto e a sua tradição homérica. Segundo o autor, Coluto é oriundo de Lycópolis, onde hoje fica localizada a cidade de Asyut, mais no centro oriental do Egito, onde ficava localizada a antiga cidade de Tebas, às margens do rio Nilo e, ainda segundo o autor, Coluto viveu na transição dos séculos V e VI da era cristã, podendo ser inserido no período conhecido como a antiguidade tardia (312-529 d.C.). Nesta mesma direção encontramos o trabalho de Ruiz Pérez (2004, p. 339) em seu artigo intitulado *Historia Editorial del Rapto de Helena de Coluto*, que também situa Coluto como sendo um grego do Egito e o aproxima do poeta Nonno de Panópolis.

Suzanne Said diz que Coluto transita entre o plágio e a transfiguração, em sentido negativo (apud MARQUES JÚNIOR, 2005, p.11). Mas essa não é uma opinião exclusiva de Said, outros autores não só compactuam com essa opinião, mas aprofundam as críticas:

Coluto é um dos piores poetas antigos que chegaram até nós. Sua única noção da arte é organizar em hexâmetros, frases emprestadas de seus predecessores, com pouco sentido de suas adequações ou de coerência narrativa. É como se um papagaio tivesse aprendido a ajustar a sua pseudo-fala à métrica de Shakespeare. Coluto pode dar prazer, mas apenas para um conhecedor do ridículo. (apud PASCHALIS, 2008, p. 136 tradução nossa).

Como podemos observar alguns autores veem a obra do poeta Coluto como menor, colocando-a em situação de qualidade inferior no meio literário, no entanto, este é um fato que já está sendo contestado. Ao citar os trabalhos de Martin West, Paschalis (2008), nos mostra quão severas foram as críticas feitas por este autor à obra de Coluto, *O Rapto de Helena*, porém, neste mesmo trabalho, Paschalis nos mostra detalhes de uma nova abordagem em relação a obra de Coluto. Podemos observar este fato na citação:

O comentário desdenhoso de West é muito vago para admitir uma resposta específica. Isto vai, eu acho, emergir no final da presente discussão que Coluto não é exatamente um escritor de poesia hexâmetro semelhante a um papagaio, como aquele que Pérsio descreve em o famoso prólogo de suas sátiras, mas um poeta que nos deixou uma narrativa de sofisticação e originalidade consideráveis. (PASCHALIS, 2008, p. 136 tradução nossa).

Pelo que podemos observar, Paschalis parte em defesa da obra de Coluto, posição que já está sendo tomada por outros autores, a exemplo, de Giangrande, que segundo Paschalis (2008), diz-nos que os estudos realizados por aquele autor nos proporcionam uma pausa no que diz respeito às críticas negativas do trabalho de Coluto. Contudo, ele nos alerta que estes parâmetros são estreitos e que devem ser abordados de maneira cuidadosa para que não haja nenhum equívoco, pois, segundo Paschalis, Giangrande valorizou mais o estilo e a linguagem e não se ateve a narrativa. Por este motivo caberá a nós aqui neste trabalho buscar elementos que sejam relevantes para o nosso estudo e que possam à luz da contemporaneidade dar a devida importância à obra de Coluto, sobretudo no tocante à hospitalidade. Talvez já tenhamos obtido a resposta, pois uma obra tão antiga se não fosse de boa qualidade não teria circulado em meio a eruditos e estudiosos por tanto tempo. *O Rapto de Helena* não seria objeto de estudo até os dias atuais se fosse uma obra menor e desprovida de elementos literários significativos. Neste sentido, vamos observar o que diz Paschalis (2008):

Poesia ruim é escrita diariamente e também mulheres casadas são seduzidas; mas raramente é que uma sedução se torne tão famosa quanto a de Helena, ou que um poema tão ruim quanto o de Coluto sobreviva por quatorze séculos para ser reeditado com todo o aparato de bolsa de estudos e equipado com comentários à taxa de uma página para cada duas linhas de versos. (PASCHALIS, 2008, p.136 tradução nossa).

Ao ponto que Paschalis (2008) defende uma reapreciação da obra de Coluto, *O Rapto de Helena*, ele também nos alerta para o possível motivo desta obra ter tido tantas avaliações negativas. Segundo o autor, dois pontos devem ser observados. O primeiro é que por várias

vezes o texto é estudado em partes e tais divisões esquecem ou negligenciam informações literárias contidas no texto. O segundo ponto é a comparação do texto de Coluto com o texto de autoria de Ovídio, *Heroides*. Paschalis nos diz em seu trabalho que existe uma versão que converge para essa abordagem e nesse sentido ele nos mostra os estudos de Silvana Rocca, que depois de concluir que Coluto provavelmente estava familiarizado com parte da obra de Ovídio, *Heroides*, porém isso não quer dizer que existe uma imitação dessa obra, pois, se Coluto tivesse tido contato com toda a obra de Ovídio, ele teria utilizado o material em sua narrativa do *Rapto de Helena*. O argumento trazido por Rocca pode ser contestado pelo próprio conteúdo narrativo da obra de Coluto. Com isso, o que podemos depreender é que, mesmo se Coluto fosse conhecedor da obra de Ovídio, sua abordagem da história contada em *O Rapto de Helena* difere da narrativa das *Heroides*, pois, adota um ponto de vista diferente do de Ovídio.

Os méritos de várias versões literárias de um mito devem ser avaliados individualmente. Portanto, uma comparação de *O Rapto de Helena* com *Heroides* para determinar quem conta melhor a história tem pouco significado. O julgamento estético é uma questão subjetiva e de gosto que pode mudar e quase sempre muda com o passar dos anos. Mas mesmo adotando a visão de que esse tipo de comparação é significativo, será necessário determinar primeiro que tipo de história Coluto conta antes de passar o julgamento sobre a qualidade de sua poesia. Ovídio, Coluto e Dracôncio, com poemas sobreviventes tratando do rapto de Helena, são bastante diferentes no que diz respeito a seleção de material, ponto de vista e foco narrativo e, além disso, o relato de Dracôncio não tem o mesmo enredo. (PASCHALIS, 2008, p.137 tradução nossa).

Nos parece um pressuposto válido, ao tempo em que pensamos em reavaliar Coluto, ou a sua obra, *O Rapto de Helena*, e para tanto nos parece que essa releitura requer de nós mais afincos e conhecimentos específicos, digo isto, pois ao nosso entendimento, um leitor não iniciado encontrará maiores dificuldades ao apreciar a obra e poderá ter uma visão distorcida de Coluto e de sua obra, pois para entendermos o foco da narrativa de Coluto devemos entender em que época e em qual contexto ela foi produzida e por fim devemos conhecer a tradição, pois segundo Marques Júnior (2005) o poema é cheio de alusões implícitas à tradição, sendo, portanto, um texto para iniciados. Neste sentido chamamos a atenção do leitor para uma característica apontada por Paschalis:

Um leitor moderno pode às vezes ficar em dúvida se as lacunas nas informações devem ser atribuídas ao modo de narração de Coluto ou ao que viam chamar de “o estado deplorável” da transmissão do texto – daí as lacunas sugeridas por vários críticos e adotadas nas edições modernas de *O Rapto de Helena*. No entanto, é que muitas vezes sua existência é determinada não com

critérios literários, mas com estreitos critérios “lógicos” ou “filológicos”. A função narrativa e o significado das “lacunas” que existem na narrativa de Coluto na verdade, nunca foram explorados. (PASCHALIS, 2008, p.138 tradução nossa).

Partindo deste ponto de vista e buscando situar o leitor para uma leitura inteligível da obra de Coluto, ressaltamos uma particularidade da obra de Coluto, *O Rapto de Helena*, no tocante às lacunas existentes dentro da narrativa, que Livrea, afirma ser as características típicas dessa época e seriam a falta de conexões narrativas, motivação psicológica e transições lógicas. Segundo ele, tais características podem nos levar em direção à influência do poeta Nonno (apud PASCHALIS, 2008, p. 136). Esta aproximação pode ser facilmente aceita, pois Coluto faz parte da escola Noniana, tal menção pode ser observada no trabalho de Ruiz Pérez (2004, p. 339). No trabalho em questão o autor afirma que este grupo de poetas são os sobreviventes do que afirmam ser o fim da tradição homérica, no entanto, poderíamos dizer que estes são os poetas que fazem parte da antiguidade tardia e dentre eles se destacam Nonno de Panópolis e Coluto e este último, nos deixou a obra que iremos estudar, ainda neste trabalho, no entanto, para este momento, achamos necessário apenas alertar nosso leitor para estas particularidades do estilo narrativo da obra.

2.3 O Estilo da narrativa de Coluto

Tentaremos mostrar neste trabalho algumas lacunas narrativas existentes na obra *O Rapto de Helena*, de Coluto e como estas fazem parte do estilo narrativo do poeta. Estes traços podem ser percebidos do início ao fim da narrativa, desta forma, podemos entender que as supressões existentes estão sempre em relação aos temas por ele abordado. Este fato pode nos levar a tentar melhor entender a obra, pois, para que haja um aproveitamento eficaz da leitura se faz necessário, acima de tudo, um conhecimento prévio do que venha a ser a narrativa mitológica e também devemos dar uma atenção maior ao tema por ela abordado. Contudo, não podemos deixar de ressaltar que o texto tal qual nos é apresentado por Coluto é fruto de uma intencionalidade do poeta e de sua consciência literária, por isso, não devemos cair no engano de que houve uma falha na narrativa ou na elaboração da obra, quando seu texto não seguir o modelo homérico. Logo, poderíamos depreender que estas lacunas existentes na narrativa nada mais são que propositais, para destacar dentro da narrativa outro assunto de maior relevância.

A obra de Coluto *O Rapto de Helena*, encaixa-se perfeitamente na definição trazida por Marques Junior (2005, p. 12), ao citar Bailly, colocando a obra dentro do gênero ἐπύλλιον,

epyllion, “pequena peça em versos épicos”. Buscando outras fontes de informações encontramos o trabalho de Cosetta Cadau que nos diz: para a atualidade o significado da palavra “*epyllion*” é empregado para definir poemas curtos, contendo narrativas mitológicas.

Seria precipitado de nossa parte nos apegar a esta definição, pois, a duração ou o tamanho de um poema não seria o suficiente para tal classificação e incluir o poema de Coluto dentro deste gênero, apenas por esta característica, seria um equívoco, no entanto, outros elementos são apresentados pela autora e coloca esta obra dentro deste gênero característico e para colaborar com nosso pensamento segue a citação:

Infelizmente, no entanto, a palavra *Epyllion* tornou-se parte do nosso vocabulário apenas recentemente. A palavra grega *epos* definia uma obra em hexâmetros, ou mesmo em uma única linha de hexâmetro: este significado original deve ser suficiente para colocarmos apenas poemas hexamétricos no gênero *Epyllion*. Infelizmente, no entanto, a questão não é tão simples como parece. (CADAU, 2015, p. 21).

Não podemos deixar de lembrar que outras produções literárias também seguem esta mesma classificação, pelo menos quando se trata da quantidade de versos e entre estes poderíamos incluir a poesia didática e os hinos. As várias abordagens trazidas pelos estudiosos buscam encontrar um ponto em comum que possa classificar todos estes gêneros dentro da mesma perspectiva, no entanto, ao nosso ver, ao apontar uma característica particular, acabamos deixando de fora outro gênero, com isso vemos como são feitas estas abordagens:

Vários estudiosos sugeriram critérios diferentes, procurando encontrar características compartilhadas por estes poemas; por exemplo, Gutzwiller concentra-se na subversão de normas épicas; Crump se concentra na presença de digressões; Merriam vê na presença de heroínas femininas a característica compartilhada para o *Epyllion*. Um padrão mais genérico é que um *Epyllion* geralmente transmite um mito completo ou um episódio. (CADAU, 2015, p. 22)

Seria plausível aceitar estas características, pois, logicamente que dentro dos gêneros apresentados, a obra de Coluto tem, como característica, o tema mitológico contido nas epopeias homéricas, no entanto, de acordo com a abordagem destes estudiosos, nada impede que outros gêneros contenham dentro dos temas trabalhados outras características que os definam. De acordo com a abordagem feita por Cadau (2015, p. 22), a distinção entre estes subgêneros pode ser facilmente feita, desta forma: o critério que ela nos apresenta é que a divisão ou separação deve estar baseada no assunto trazido por cada subgênero,

independentemente de sua extensão, a exemplo, os poemas didáticos possuem um tema científico, os hinos um tema religioso e a obra de Coluto tem um tema mitológico. No entanto, os hinos também podem conter temas mitológicos, mas pode ser facilmente dissociado do gênero textual produzido por Coluto. Mais uma vez Cadau vem nos alertar para esta medida usada para classificar o epyllion e com isso nos norteia e parece que este é o melhor caminho para ler e compreender o epyllion. Vejamos o que diz a autora:

A chave para apreciar totalmente esses poemas pode ser parar de tentar encontrar características e recursos compartilhados entre eles e começar a lê-los como produtos individuais de seu tempo: em cada modelo de trabalho e as influências da tradição anterior e contemporânea fluem juntas, bem como os objetivos diferentes em termos de conteúdo e público. (CADAU, 2015, p. 23).

Parece que Cadau nos colocou, agora, na direção mais moderada para entender o Epyllion e suas características. Para nós este parece ser o melhor caminho tomado para ler e apreciar estas obras, pois, analisando mais individualmente estas produções poéticas, estaríamos explorando o melhor da literatura. Devemos partir deste ponto de entendimento e classificar então a obra de Coluto *O Rapto de Helena* como epyllion, agora não só por sua extensão, mas também pela temática contida na narrativa. Vejamos a abordagem trazida pela autora para colaborar com esse entendimento:

A tradição do Epyllion grego evoluiu durante o período imperial com os poemas didáticos *Halieutica* de Oppian de Anazarbus na Cilícia (final do segundo século d.C.), e *Cynegetica* por Oppian de Apamea na Síria (início do terceiro século d.C.). O Épico reaparece por volta do século III d.C. com longas obras como Quintus de Esmirna *Pós-homérica*, em 14 livros, e com *A tomada de Ilion*, um poema em 691 hexâmetros do egípcio Trifiodoro. O último Epyllion conhecido para nós são *O Rapto de Helena* de Coluto e o *Hero e Leandro* de Museu, datando do período entre o final do quinto e o início do sexto século d.C. (CADAU, 2015, p. 24)

Fecharemos aqui nosso entendimento a respeito deste gênero literário tão singular e ao mesmo tempo plural quando se trata de sua abrangência. Os traços característicos do epyllion e que estão contidos na obra de Coluto são ao mesmo tempo gerais e individuais, dando ao poema uma particularidade que o destaca dos outros poemas produzidos na época.

3. A HOSPITALIDADE EM O RAPTO DE HELENA

Por entender a importância dos estudos referentes à hospitalidade e como os valores morais e religiosos eram a base cultural presente na formação do povo grego, decidimos dividir este capítulo em dois momentos. Primeiro buscaremos proceder com as pesquisas relacionadas ao tema da hospitalidade, principalmente sua presença no mundo clássico e para que nosso objetivo seja alcançado, buscaremos, apontar estes elementos, dentro das obras homéricas: *Ilíada e Odisseia*. O segundo momento consiste exatamente na análise dos elementos contidos dentro da obra de Coluto *O Rapto de Helena*, possibilitando assim apontar que estes valores morais e religiosos gregos chegaram até a época de Coluto e de como tais valores são abordados dentro da obra.

Dentre outros temas que envolvem as narrativas homéricas, a hospitalidade figura como tema de extrema importância, assim, não é por acaso que este tema é objeto de vários estudos no meio acadêmico, pois é justamente por este motivo que insistimos em estudar a temática. No entanto, achamos de bom tom, estudar o tema da hospitalidade não só por meio das obras homéricas, mas também, por outro viés literário e encontramos na obra de Coluto elementos suficientes para que façamos o estudo.

3.1 A hospitalidade para os gregos

Como havia dito anteriormente, a hospitalidade para o grego é um dos pontos que constitui sua formação não apenas quando se trata dos costumes, mas também quando tratamos dos valores morais e religiosos, pois este conjunto de costumes individuais e coletivos faz parte da formação do homem grego.

Notadamente veremos os esforços para que se chegue em uma definição do que venha ser a hospitalidade, contudo, não é uma tarefa fácil de se concluir, mas os estudos relacionados ao tema caminham para uma definição plausível e neste caminho encontramos o trabalho de Benveniste que nos traz as seguintes questões:

A mesma instituição existe no mundo grego com um nome diferente: xénos (ξένος) indica relacionamentos do mesmo tipo entre homens vinculados por uma aliança que implica obrigações precisas que também se estendem aos descendentes. A xenía (ξενία), colocada sob a proteção de Zeus Xénios, implica troca de presentes entre as partes contratantes que declaram sua intenção de unir seus descendentes por meio deste pacto. (BENVENISTE, 1983, p. 62).

Como podemos observar, de acordo com a citação acima, algumas hipóteses são levantadas a respeito do termo hospitalidade e uma delas é que o termo originalmente pode designar grupo familiar. Parece que Homero aponta justamente esta importância dentro da *Ilíada* e para corroborar com esta ideia vejamos o que diz Freitas em seu artigo intitulado *A hospitalidade em Homero*:

Na *Ilíada*, canto XVIII, o microcosmo familiar é de grande importância na estruturação da cidade homérica, como atestam as cenas domésticas descritas no escudo de Aquiles. Não por acaso, todo guerreiro ou viajante é interrogado acerca de sua cidade e família de origem. (2019, p. 34).

A segunda noção apontada por Benveniste é que *hostes* pode significar a troca de presentes ou de gentilezas, aparece o conceito de hóspede e, posteriormente, como resultado, das diversas divisões sofridas pelos gregos, surgirá o conceito de estrangeiro.

A terceira noção, e agora referindo-se à hospitalidade, que pode significar, aquele que recebe (anfitrião). Partindo deste ponto de entendimento, notadamente, não é fácil definir o termo hospitalidade, pois além de comportar vários conceitos, o termo carrega em si valores ainda mais relevantes, no entanto, para este momento, nos basta apontar a importância da hospitalidade para a formação do homem grego e como estes povos observavam este valor moral.

Rocha Pereira afirma que não existindo dentro da sociedade homérica uma lei positiva ou uma ética dependente da religião, este fato contribui para reforçar a ideia de uma comunidade baseada em boas maneiras (apud FREITAS 2019, p. 36). Devemos, então, compreender o seguinte: as relações humanas da época eram pautadas nas regras de convívio e receber bem o hóspede dava ao anfitrião a certeza de que posteriormente ele também seria bem recebido. Com isso podemos depreender que o ideal homérico consiste na observância dos rituais de hospitalidade, base moral da sociedade, que foram retratados nas epopeias. Para dar maior sustentação a esta ideia destacaremos as passagens que relatam, dentro da narrativa, o ritual de hospitalidade, sendo assim segue:

Mas quando viram os estrangeiros, vieram todos juntos
para lhes apertar as mãos, para os convidar a sentarem-se.
O primeiro a chegar junto deles foi Pisístrato, filho de Nestor:
Segurou-lhes nas mãos e sentou-os o festim
em peles macias sobre a areia da praia,
junto do pai e de Trasimedes, seu irmão.
Serviu-lhes uma dose de vísceras; derramou vinho
numa taça de ouro e, erguendo-a, interpelou
Palas Atena, filha de Zeus detentor da égide:

“Invoca, ó estrangeiro, o soberano Posídon,
pois dele é a festa que aqui vistes encontrar.
Depois de teres feito a libação e orado, como é de justiça,
dá também a este homem a taça de vinho doce
para ele fazer a sua libação; parece-me ser pessoa
que reza aos deuses: todos precisamos dos deuses imortais.
Mas ele é jovem, de idade iguala minha:
Por isso darei a ti primeiro a taça dourada”
Assim dizendo, colocou-lhe na mão a taça de vinho doce
Atena regozijou-se com a prudência de um homem tão justo,
Porque lhe dera em primeiro lugar a taça dourada.
Depois invocou com afinco o soberano Posídon [...]
(*Odisseia*, III, 34-54 - tradução de Frederico Lourenço)

[...] “Agora é a melhor altura para interrogar os estrangeiros,
perguntando quem são, uma vez que já se deleitaram com comida
Ó estrangeiro, quem sois? Donde navegastes por caminhos aquosos?
É com fito certo, ou vagueais à deriva pelo mar
como piratas, que põem suas vidas em risco
e trazem desgraça para homens de outras terras?
(*Odisseia*, III, 69-74 – tradução de Frederico Lourenço)

“Estão aqui dois estrangeiros, ó Menelau, criado por Zeus,
dois homens que parecem da linhagem de Zeus soberano.
Mas diz-me: devemos desatrelar os seus velozes cavalos,
ou mandá-los para casa de outro, que os acolha com gentileza?
Com grande irritação lhe respondeu o loiro Menelau:
“Anteriormente não tinha o hábito de ser tolo, ó Eteoneu,
filho de Boétoo! Mas agora dizes tolices como uma criança.
Na verdade, tu e eu já comemos muitas vezes à mesa
de outros homens, no caminho que aqui os trouxe,
na esperança de que Zeus nos aliviasse um dia a dor.
Desatrela os cavalos dos estrangeiros, e trá-los para que comam.”
(*Odisseia* IV, 26- 36 - tradução de Frederico Lourenço)

‘Ai de mim, a que terra de homens mortais chego de novo?
Serão eles homens violentos, selvagens e injustos?
Ou serão dados à hospitalidade e tementes aos deuses?
(*Odisseia* VI, v.119 – 121 - tradução de Frederico Lourenço)

Mas este homem infeliz até aqui vagueou: dele deveremos tratar,
pois é de Zeus que vêm todos os estrangeiros e mendigos;
e qualquer dádiva, embora pequena, é bem-vinda.
Portanto ao estrangeiro, ó servas, dai comida e bebida;
E banhais-o no rio, em local protegido do vento”.
(*Odisseia* VI, v.206 – 210 - tradução de Frederico Lourenço)

“Alcínoo, não é esta a melhor maneira (nem se quer fica bem)
De se receber um estrangeiro, assim no chão, no meio das cinzas.
Os outros estão aqui à espera de ouvir tua palavra.
Levanta dali o estrangeiro e senta-o num trono embutido
de prata, e ordena aos escudeiros que misturem o vinho, para que Zeus
que lança o trovão ofereçamos libações:
pois é ele que segue no encalço dos venerandos suplicantes.
E que a governanta lhe dê uma ceia do que houver lá dentro.”

Quando o ouviu a força sagrada de Alcínoo,
 Pegou na mão do fogoso e astucioso Ulisses:
 levantou-o da lareira e sentou-o num trono luzente,
 do qual se levantara seu filho, o bondoso Laodamante;
 era ele, muito amado, que se sentava junto do pai.
 Uma serva trouxe um jarro com água para as mãos,
 um belo jarro de ouro; e água verteu numa bacia de prata.
 E junto dele colocou uma mesa polida.
 A venerável governanta veio trazer-lhe o pão,
 assim como iguarias abundantes de tudo quanto havia.
 Então bebeu e comeu o sofedor e divino Ulisses
 (*Odisseia* VII, v. 159 – 177 - tradução de Frederico Lourenço)

Muitas são as passagens que tratam do cumprimento da regra de hospitalidade, pois este era um ideal do povo grego, ao menos é o que podemos depreender das narrativas contidas nas obras de Homero. Os cidadãos mantinham entre si uma conduta pautada nas boas maneiras e para com os deuses uma conduta pautada na obediência, no entanto, em contrapartida a esta prática, temos dentro das narrativas homéricas representação da não observância deste valor moral grego é o que atestam as seguintes passagens:

‘Ficarão agora aqui alguns de vós, ó fiéis companheiros,
 enquanto eu, na minha nau, com os outros, irei indagar,
 a respeito dos homens desta terra, quem eles são:
 se são arrogantes e selvagens, ou se prezam a justiça;
 se recebem bem os hóspedes e se são tementes aos deuses. ’
 (*Odisseia* IX, 172-176 - tradução de Frederico Lourenço)

Mas nós chegamos junto de ti como suplicantes,
 esperando que nos dês hospitalidade; ou que de outro modo
 sejas generoso conosco: pois tal é a obrigação dos anfitriões.
 Respeita, ó amigo, os deuses: somos teus suplicantes.
 É Zeus que salvaguarda a honra de suplicantes e estrangeiros:
 Zeus Hospitaleiro, que segue no encalço de hóspedes venerandos.
 Assim falei; e ele respondeu logo, com coração impiedoso:
 ‘És tolo, estrangeiro, ou chegas aqui de muito longe,
 Se me dizes para rezear ou honrar os deuses.
 Nós, os Ciclopes, não queremos saber de Zeus detentor da égide,
 nem dos outros bem-aventurados, pois somos melhores que eles.
 Nem eu alguma vez, só para evitar a ira de Zeus, te pouparia
 a ti ou aos teus companheiros. Só se eu quisesse.
 (*Odisseia*, IX, 266-78 - tradução de Frederico Lourenço)

Ao descrever tais cenas do não cumprimento da lei de hospitalidade, Homero parece, mais uma vez, direcionar a sociedade grega da época para a observância destes costumes, pois se não seguissem os costumes os cidadãos estavam fadados aos castigos impostos pelos deuses e além dessa punição divina o fato de ser um indivíduo que não observa os costumes coloca-o em posição desfavorável em meio a sociedade.

Outras passagens mostram a quebra da hospitalidade, mas, para este momento nos apegaremos apenas a estas, pois entendemos que Homero quis exaltar uma sociedade civilizada que respeita as regras de hospitalidade e de boa convivência e em contrapartida, mostrar que o não cumprimento destas regras levaria a sociedade para um caminho de desonra e punição.

A hospitalidade é amplamente apresentada na *Odisseia*, fato comprovado ao longo da narrativa e apontado nas passagens destacadas no tópico anterior, no entanto, é na *Ilíada* que particularmente encontraremos fatos na narrativa que nos apontara para as consequências funestas, quanto a não observância das regras, de hospitalidade, impostas pelos deuses.

Na *Ilíada* chamaremos a atenção para dois fatos em particular: o primeiro é a atitude impensada do rei Agamêmnon ao não atender a súplica do sacerdote Crises, quando este tenta resgatar sua filha que havia sido tomada como escrava e dada como espólio de guerra ao rei. Ao ter seu pedido negado e diante do destrato empregado por Agamêmnon, o pai, suplicante, pede ao deus Apolo que o vingue, é o que confirma as passagens da *Ilíada*:

O Atrida maltratara o sacerdote
Crises, que viera às naus velozes dos aqueus
rogar de volta a filha, oferecendo dádivas
em profusão; à mão, insígnias do flecheiro
Apolo, em torno do áureo cetro. Pede a todos,
à dupla atrida sobretudo, à frente de ases:
“Atridas e demais aqueus de belas grevas,
os deuses desde o sólio olímpico vos concedam
derruir a pólis priâmea e a volta ao lar! Os dons
que trago recebei por minha filha cara,
reverenciando o ilustre Apolo sagitário.”
Foi aclamado pela massa dos aqueus:
“Que se acolha o ancião e os dons que ele ofereça!”
A exceção foi Agamêmnon, que o refuga
Com extrema rudeza de palavras ásperas:
“Jamais te encontre, velho, junto às naves côncavas,
agora aqui parado ou em outra jornada;
teu cetro nada vale, nem teus nistros divos.”
(*Ilíada* I, 11- 32 – tradução de Trajano Vieira)

“Ouve-me, arco argênteo, protetor de Crisa
e Cila imortal, ó detentor de Tênedos,
Esmínteo! Se erigi um dia um templo a ti,
se em teu honor queimei as coxas gordurosas
de touros e de ovelhas, cumpre o que ora rogo:
dardeja os dânaos, cobra as lágrimas que verto!”
Findou a prece, e Febo Apolo o escuta. Desce
dos píncaros do Olimpo, coração irado,
com o arco a tiracolo e o carcás fechado.
Tintinam flechas sobre os ombros do colérico,
Que avança, similar à noite. Então estanca
longe das naus e vibra um dardo: era sinistra
a sibilância proveniente do arco prata.

Mirou primeiro os mulos e a matilha arisca,
depois seus dardos afilados buscam homens;
e as piras sempiardiam, cheias de cadáveres.
(*Ilíada* I, 37 – 52 - tradução de Frederico Lourenço)

Estes fatos aparecem na narrativa na mesma sequência que estão apresentados, primeiro o sacerdote na condição de suplicante, pede que lhe devolva a filha e em troca oferece recompensas, no entanto, o rei Agamêmnon recusa os presentes e insulta o sacerdote de Apolo e o rechaça. Desapontado por não ter a súplica atendida e não ter recuperado a filha, o sacerdote faz uma prece ao deus Apolo, que de imediato o atende e como punição por não ter Agamêmnon atendido as súplicas de Crises, lança sobre os gregos seus dardos certos e mortais.

As consequências desde ato desonroso praticado por Agamêmnon podem ser vistas por dois pontos, o primeiro é o castigo empregado pelo deus Apolo, que resulta na morte de vários guerreiros gregos e o segundo ponto é a contenda que o rei terá com Aquiles, quando exige do herói seu prêmio de guerra. Ao praticar tal ato, Agamêmnon comete, novamente, uma desmedida e age sem respeitar a regra de boa convivência e Aquiles furioso se nega a lutar, causando com isso grandes baixas nas tropas gregas. Parece que os deuses mais uma vez mostram a Agamêmnon que ele agindo desta forma (desonrada) só atrairá desgraça para os seus.

O segundo ponto da ruptura das regras, mais precisamente da hospitalidade, é trazido na narrativa da *Ilíada* ao apontar Paris como causador da guerra e raptor de Helena, podemos ver essas menções na seguinte passagem:

Sendo quem és, levaste ao oceano embarcações
transmarinas, reunindo companheiros fiéis,
viveste entre estrangeiros, uma bela dama
das lonjuras raptaste, da família de homens
bélicos. Causas dor ao pai, ao burgo, ao povo,
alegrando o inimigo. Infama-te a ti mesmo!
Foges do combate com o Atreu, dileto de Ares?
Conhecerias bem de quem possuis a esposa.
(*Ilíada* III, 45-53 - tradução de Frederico Lourenço)

Mesmo tendo mencionado este episódio, como sendo um dos pontos que marcam a quebra da regra de hospitalidade dentro da *Ilíada*, sobretudo, do rapto em si, nos parece que este fato não recebeu detalhamento, fazendo com que outros poetas, posteriores a Homero, buscassem dar uma atenção maior para o rapto de Helena e com isso surge no meio literário obras que abordam este tema e entre elas destacamos a obra de Coluto, cujo alguns trechos nos servirá de corpus para este trabalho.

3.2. A análise do poema e dos argumentos

Começaremos a análise primeiramente enquadrando o poema de Coluto dentro do gênero literário epyllion, agora não só pela quantidade de versos, mas também pelo estilo e o tema da narrativa.

O poema de Coluto possui apenas 392 versos devidamente divididos de acordo com o estilo e a propositura do autor. Sendo assim poderíamos dividir o poema apenas em invocação (v.1-16) e os versos restantes poderíamos dizer que é a narração (v.17-392). Dentro da narração, como bem destacou Marques Junior (2005, p. 19), podemos encontrar vários episódios, a saber: Casamento de Peleu e Thétis (v.17-36); Éris e o pomo de ouro (v. 37-67b); Hermes em busca de Páris (68-130); o julgamento de Páris (v. 131-168); zombaria de Afrodite (v. 169-191); construção dos navios (v. 192-200); Páris no mar (v. 201-229); Páris chega a Esparta (v. 230-251); Páris no palácio de Menelau (v. 252-275); Helena apaixonada por Páris e revelação do prêmio do concurso (v. 276-302); Helena levada por Páris (v. 303-325); sofrimento de Hermione (v. 326-386); chegada de Páris e Helena em Tróia, desespero de Cassandra (v. 387-392).

Não é nosso objetivo analisar detalhadamente todo o poema, mas a divisão trazida por Marques Júnior, poderá nos orientar a respeito da seguinte questão: o poema de Coluto *O Rapto de Helena* segue, notadamente, um caminho diferente de outras obras que tratam este tema. Primeiramente vejamos o que envolve a invocação e o propósito do poema, tais informações estão contidas logo nos primeiros versos (1-16), onde o poeta convoca as musas, desta vez, uma convocação diferente, Coluto refere-se a um grupo de ninfas específicas e ao classificar ou qualificar estas como musas, ele aproxima a narrativa da cidade Troiana, palco futuro da guerra. Ao ponto que Homero em sua invocação, tanto na *Ilíada*, quanto na *Odisseia*, não classifica ou restringe as Musas, pelo menos nos versos iniciais, por sua vez Coluto o faz logo de início, deixando claro ao leitor que as divindades as quais ele invoca são as que por acaso testemunharam Páris a realizar o julgamento das deusas e escolhendo como vencedora Afrodite. Neste momento o autor além de deixar claro a presença das ninfas do Rio Xanto, nos fornece o argumento do poema, o qual iremos tratar mais adiante.

Como foi dito anteriormente, não é nosso objetivo analisar todo o poema de Coluto, no entanto, nada nos impede de vez ou outra nos referir a fatos contidos na narrativa, desde que estes sejam relevantes para a nossa análise e corrobore para o entendimento do leitor. Deste modo, nos apegaremos a analisar os fatos referentes aos trechos do texto trazidos e adotados

para análise e para que esta tarefa seja eficiente delimitaremos aqui, como corpus que irá ser objeto desta análise, excertos da obra que remetam à hospitalidade.

3.2.1 Páris hóspede

Uma abordagem que merece ser feita é no tocante ao tema da comensalidade ou da hospitalidade, presente nas epopeias homéricas e que aqui buscaremos apontar como estes traços se fazem presentes dentro da obra de Coluto.

Ao que parece a própria narrativa da obra *O Rapto de Helena* colabora para este ponto específico, pois, mesmo sendo lacunosa nos permite inferir que existe, ao menos é o que se retrata dentro da obra, um caráter moral e religioso, no tocante à hospitalidade. Não podemos aqui apontar a comensalidade mostrada nas epopeias homéricas, pois seria impossível, já que não existe um episódio que retrate tais rituais dentro da narrativa de Coluto. No entanto, será possível apontar sinais de hospitalidade, mesmo que o poeta tenha preferido narrar ou destacar outros episódios. Com isso iremos nos apegar a termos específicos que tratem este tema, logo encontramos nos versos 230-237, descritos abaixo:

αὐτὰρ ὁ χιονέοιο λοεσσάμενος ποταμοῖο
 ὄχετο φειδομένοισιν ἐπ' ἵχνεσιν ἵκνος ἰεῖδων, μὴ
 πόδες ἱμερόεντες ὑποχραίνοντο κονίης,
 μὴ πλοκάμων κυνέησιν ἐπιβρίσαντες θέραις
 ὀξύτερον σπεύδοντος ἀναστέλλοιεν ἄηται.
 ἄρτι μὲν αἰπύδμητα φιλοξείνων ναετῆρων
 δώματα παπταίνων καὶ γείτονας ἐγγύθι νηὸς
 ἄστεος ἀγλαΐην διεμέτρεεν, [.]

235

Mas, após banhar-se no rio coberto de neve,
 veio fixando passo sobre moderados passos
 que os pés graciosos não tocassem no pó
 nem os cachos de cabelos, do elmo caindo, os vendavais
 levantassem, quando ele mais rápido se apresasse.
 Então, dos hospitaleiros habitantes os altos
 palácios contemplando, e perto os templos vizinhos,
 media a beleza da cidade, [..]

235

Ao descrever a chegada de Páris a Esparta, Coluto parece revelar uma amizade que parece ter sido construída anteriormente, não necessariamente por intermédio de Páris, mas provavelmente por alguém de sua linhagem. Ao descrever os habitantes de Esparta como hospitaleiros, a obra nos dá amostra de que existia dentro daquela sociedade a regra de convivência e de hospitalidade, fato apontado por Homero e que aqui reforçado por Coluto,

mais uma vez a tradição sendo representada dentro de uma narrativa. Coluto prefere não seguir uma linha lógica e sequencial ao narrar os acontecimentos, no entanto, vai nos dando elementos necessários para construir esse entendimento e sempre fazendo menção a fatos anteriormente já mostrados dentro da tradição. Dito isto, analisaremos outro ponto que nos remete mais uma vez para a hospitalidade. Ele nos aponta tal característica nos versos que seguem:

ἰλήκοις, Διόνυσσε· καὶ εἰ Διὸς ἐσσι γενέθλης, 250
καλὸς ἦν κακείνος ἐπ' ἀγλαΐῃσι προσώπων.

Ἡ δὲ φιλοξείνων θαλάμων κληῖδας ἀνεῖσα
ἐξαπίνης Ἑλένη μετεκίαθε δώματος αὐλήν
καὶ θαλερον προπάροιθεν ὀπιτεύουσα θυράων 255
ὥς ἴδεν, ὥς ἐκάλεσσε καὶ ἐς μυχὸν ἤγαγεν οἴκου
καὶ μιν ἐφεδρήσσειν νεοπηγέος ὑπόθεν ἔδρης
ἀργυρέης ἐπέτελλε· κόρον δ' οὐκ εἶχεν ὀπωπῆς

Sejas propício, ó Dioniso! Se és da raça de Zeus. 250
Aquele era belo pelas glórias da face.

E abertas as trancas dos hospitaleiros tálamos,
Logo Helena buscava o pátio do palácio
Olhando em volta diante das portas robustas
Quando viu, assim chamou, e ao interior do pátio o levou 255
E, ela mesmo, ordenou sentar-se sobre o assento de
prata recém-construído; e não afastava o jovem da vista.

ὄψε δὲ θαμβήσασα τόσῃν ἀνενείκατο φωνήν: 265
ξείνε, πόθεν τελέθεις; ἱρατὸν γένος εἰπέ καὶ ἡ
ἀγλαΐην μὲν ἔοικας ἀριζήλω βασιλῆϊ,
ἀλλὰ τήν οὐκ οἶδα παρ' Ἀργείοισι γενέσθην· πᾶσαν
Δευκαλίωνος ἀμύμονος οἶδα γενέσθην.

Finalmente, surpresa, falou em tom alto: 265
Hóspede, de onde vens? E diz para mim tua adorável raça.
Na verdade, teu esplendor é parecido com um admirável rei,
Mas não conheço tua descendência junto aos Argivos.
Eu conheço toda a descendência do nobre Deucalião.

Neste ponto já temos elementos necessários para afirmar a presença do ritual de hospitalidade, mesmo que Coluto os tenha mencionados isoladamente, cabe a nós leitores e conhecedor da tradição juntar estes elementos, que são sim característicos dos rituais de hospitalidade, com isso, entendemos que mesmo não havendo uma sequência de acontecimentos e fatos e a ausência do banquete, dentro da narrativa, não exclui as consequências dos rituais de hospitalidade presentes dentro da narrativa e mostrados de maneira não sequenciada.

3.2.2 Ausência de Menelau

Seguiremos com a análise e apontaremos dentro da narrativa as lacunas existentes e que podem ser observadas desde o início do poema, sobretudo no trecho que relata a chegada de Páris a Esparta.

Como foi apontado a obra de Coluto *O Rapto de Helena* é cheia de lacunas, cujo sentido e a função requer um estudo mais aprofundado e não é nosso objetivo aqui encerrar a discussão, haja vista o vasto campo de possibilidades que este tema alcançaria. No entanto, é este nosso propósito, iremos apontar algumas outras lacunas existentes na narrativa a fim de colaborar com a nossa análise. Assim, gostaríamos de chamar a atenção para o fato do poeta Coluto afastar de sua narrativa um personagem que aparece em todas as outras obras que tratam do assunto. O fato de Coluto retirar da narrativa a figura de Menelau parece ser estranho ao nosso ver, porém, parece que o poeta tem intencionalidades plausíveis em mente para isso. Na verdade, o simples fato dele não mencionar Menelau, nos deixa, em uma situação de dúvida: será que realmente Menelau está ausente de Esparta na chegada de Páris, ou o poeta omitiu essa informação? Seria essa pergunta difícil de responder se já não tivéssemos a resposta, mesmo que para isto tenhamos que revelar fatos do final do poema, pois, Coluto não só omite a presença de Menelau, mas também o ausente de Esparta antes da chegada de Páris.

Parece que a intenção é deixar o leitor na expectativa e no final do poema no verso 382 fazer a revelação de um fato que muda toda a concepção do poema, pois retirando a figura de Menelau o poeta reforça a figura de Helena, colocando-a na condição de anfitriã de Páris, posicionamento contrário à tradição, pois nas obras de Homero e Ovídio (*Heroides*), quem recebe Páris é Menelau que em seguida se ausenta do palácio. Na verdade, parece que a intenção de Coluto é destacar o encontro entre Páris e Helena, decentralizando a dupla Páris e Menelau e centralizando o casal Paris e Helena. Neste ponto o poeta parece esquecer as lacunas narrativas, digo isso, pois dada a sequência de fatos narrados sem interrupção, podemos chegar a este entendimento. Destacamos aqui então os fatos que comprovam esta afirmação, entre eles o encontro exclusivo de Helena e Páris, em seguida a troca de discursos entre os dois e, por fim, a saída de Helena com Páris.

A narrativa nos mostra que antes da chegada de Páris ao Palácio, ele é visto por Helena que se encanta com a beleza do jovem pastor troiano. O poeta destaca a beleza de Páris ao mencionar na narrativa que ele se compara com Dionísio ou até mesmo com Eros. O fato que importa é, mesmo não sendo uma divindade, ele carrega consigo traços de beleza que o destaca entre os outros homens, logo a beleza realçada por Coluto é intencional. Beleza que é assumida

pelo poeta ao usar a fala da personagem Helena se compara o herói à divindade. Mas o que permanece é o fascínio pelo estrangeiro, ao ponto dela mesma ordenar que se abra os portões do palácio de Menelau para receber o hóspede. Ao que parece, Coluto descreve este fascínio de Helena por Páris e revela com isso, uma predileção pela vontade dos deuses e até este momento da narrativa parece-nos que tudo transcorre de acordo com a vontade de Afrodite, com isso, assim, Páris começa a receber o prêmio que lhe prometera a deusa, na ocasião do julgamento por ele realizado. Com isso fechamos a ideia de que os homens, representados nesta narrativa eram tementes e obedientes aos deuses, um caráter religioso descrito dentro da obra.

Desta forma se deu o encontro de Páris e Helena e em seguida poderemos observar o segundo momento, que consiste justamente nos discursos desenvolvidos pelos dois personagens. Helena procura, seguindo o ritual de hospitalidade, questionar a origem do recém-chegado hóspede, que de pronto revela sua linhagem e ao fazer isto acrescenta fatos que não lhe são perguntados. Páris revela como se deu a construção dos muros de Troia, talvez neste ponto o poeta quis nos mostrar que não foge totalmente da tradição, pois trazendo tais referências aproxima a sua obra da tradição homérica, mas está não é a única questão, podemos também mencionar que Páris destaca as informações referentes a sua linhagem e à construção dos muros de Troia. Durante o discurso Páris revela o motivo de ter ido até Esparta, dizendo ter sido juiz de uma disputa entre as deusas e tendo escolhido Afrodite, receberia como prêmio Helena, e reforçando o que lhe prometera a deusa, diz que Helena deverá casar-se com ele, pois esta é a vontade de Afrodite.

Helena parece voluntariamente aceitar o destino que lhe é imposto pelos deuses, não oferecendo resistência ao saber do destino que lhe foi reservado. Coluto parece saber bem diferenciar a dupla Helena do seu poema: aquela que se deixa conduzir e aquela do sonho (raptada) daquela da *Ilíada*. Para agora é preciso dizer que o fato de Helena ter aceitado ser conduzida por Páris implica em dizer que Coluto reforça que os deuses exerciam fortes influências sobre os mortais. Neste caso, ambos os envolvidos, não passaram de joguetes nas mãos das divindades. Vejamos como o autor apresenta nos versos que segue o comportamento de Helena:

αὐτὰρ ὁ μελιχίνῃ ἡμείβετο γῆρυν ἀνοίξας:
εἰ τίνα που Φρυγίης ἐνὶ πείρασι γαίαν ἰκούεις,
Ἴλιον, ἣν πύργωσε Ποσειδάων καὶ Ἀπόλλων:
εἰ τίνα που πολύολβον ἐνὶ Τροίῃ βασιλῆα
ἔκλυες εὐώδινος ἀπὸ Κρονίδαο γενέθλης· ἔνθεν
ἀριστεύων ἐμφύλια πάντα διώκω.

Logo revelou a voz gentil e respondeu:
 Se tu talvez ouviste falar de Troia, uma terra
 nos limites da Frígia, que Posídon e Apolo fortificaram
 se tu talvez ouviste dizer de um rei muito rico em Troia 280
 do Cronida fecundo descendente:
 Daí, sendo o melhor sigo toda a família.

Helena ao mostrar interesse nas edificações realizadas pelos deuses se diz desejosa de conhecê-las e obedecendo aos mandamentos divinos segue Páris e se dá em casamento. Esta abordagem trazida por Coluto só terá seu desfecho no final do poema, com a chegada de Páris e Helena a Troia. Agora podemos destacar a partida voluntária de Helena. Por outro lado, Menelau acusa Páris de ter quebrado a regra de hospitalidade ao raptar sua esposa, mas na narrativa de Coluto encontramos a seguinte informação nos versos 305 a 314:

ὄψε δὲ θαμβήσασα τόσῃν ἀνενείκατο φωνήν: 305
 ἀτρεκέως, ὃ ξεῖνε, τεῆς ποτε πυθμένα πάτρης
 τὸ πρὶν ἐδωμήσαντο Ποσειδάων καὶ Ἀπόλλων;
 ἤθελον ἀθανάτων δαιδάλματα κεῖνα νοῆσαι
 καὶ νομὸν οἰοπόλοιο λιγύπνοον Ἀπόλλωνος,
 ἔνθα θεοδμήτοισι παρὰ προθύροισι πυλάων 310
 πολλάκις εἰσιπόδεσσιν ἑρέσπετο βουσὶν Ἀπόλλων.
 ἀγρέο νῦν Σπάρτηθεν ἐπὶ Τροίην με κομίζων.
 ἔψομαι, ὥς Κυθήρεια γάμων βασιλεια κελεύει.
 οὐ τρομέω Μενέλαον, ὅταν Τροίην με νοήσῃ:

Finalmente, deslumbrada, falou em tom alto: 305
 De fato, ó hospede, um dia a fundação de tua Pátria,
 Anteriormente, Posídon e Apolo construíram
 Estou disposta conhecer estas obras de arte dos imortais
 E a pastagem ardente do solitário Apolo,
 Onde, junto os vestibulos edificadas das portas 310
 Frequentemente Apolo seguia os passos curvos dos bois
 Vamos! Agora me conduz de Esparta para Troia.
 Sigo como ordena a rainha do casamento, Citeréia
 Entretanto, não temo Menelau quando souber de mim em Troia.

Como podemos observar dentro da narrativa não encontramos, até aqui alguma referência ao rapto de Helena, propriamente dito, a não ser no título do poema, o verso citado acima trata deste tema e não carrega dentro do seu significado a palavra rapto, ao contrário (κομίζων), quer dizer conduzir, prover, cuidar, levar para cuidar, não sendo possível associar ao rapto, enquanto algum ato violento ou contra a vontade de Helena. A narrativa de Coluto só menciona o a palavra rapto na boca de Hermione, depois de ter recebido Helena em sonho.

Desta forma trataremos estes dois temas centrais do poema no tópico que se segue, trataremos do sonho de Hermione e do rapto de Helena,

3.2.3 O sonho de Hermione e o rapto de Helena

Passaremos agora a descrever as ações que envolvem uma personagem que irá ser de extrema importância para o desenrolar da narrativa de Coluto, pois as ações que a circundam são primordiais para as questões do poema. Não é sem propósito que Coluto junta ao mesmo tempo duas informações nos versos finais do poema. A primeira é a ausência de Menelau quando o poeta o retira de cena em Esparta. O segundo personagem é Hermione, filha de Menelau e de Helena, é ela a criança que sofre com a ausência da mãe, a criança que irá revelar ao pai que a mãe foi levada e os seus belos palácios destruídos é esta criança que dará início a guerra ao gritar desesperadamente que a mãe foi raptada. Finalmente, Coluto fala do rapto de Helena em sua narrativa, desta vez pela boca de uma infante, que sente a falta da mãe e que passa o dia procurando-a pela floresta e perguntando a todos qual o destino sua mãe teria tomado.

As lamentações de Hermione talvez sejam uma justificativa para as ações que irão partir de sua fala. Estaria o poeta mexendo com a sensibilidade do leitor ou justificando a ação de Menelau, que vai até Troia para reaver sua esposa e vingar o excessivo sofrimento da filha? O choro copioso teria sido capaz de provocar esta revolta em Menelau e resultará em um ataque a Troia ou mais o sonho enganoso promovido pelos deuses para o cumprimento do destino?

Coluto faz a narrativa destacando todo sofrimento de Hermione e as ações que irão se desenvolver a partir dela são baseadas em um sonho que não é verdadeiro. Helena por meio de um sonho falso fala a filha que foi raptada colocando a culpa na iniquidade de Páris:

ὁ χθιζός με μολών ἀπατήλιος ἤρπασεν ἀνὴρ. οὐτῷ καλλικόμοιο μεθ' ἁρμονίην Ἀφροδίτης	[375]
ἔννεπεν. ἡ δ' ἀνόρουσε καὶ οὐχ ὀρώωσα τιθήνην ὀξύτέρῃ πολὺ μᾶλλον ἀνεβρυχήσατο φωνῇ:	380
ἡερίης, ὄρνιθες, εὐπτερα τέκνα γενέθλης, εἶπατε νοστήσαντες ἐπὶ Κρήτην Μενελάω:	
χθιζὸν ἐπὶ Σπάρτην τις ἀνὴρ ἀθεμίστιος ἦεν ἀγλαΐην ξύμπασαν ἑὼν ἀλάπαξε μελάθρων.	
ὥς ἡ μὲν πολύδακρυς ἐς ἡέρα φωνήσασα, μητέρα μαστεύουσα, μάτην ἐπλάζετο κούρη.	385
.....	
καὶ Κικόνων πτολίεθρα καὶ Αἰολίδος πόρον Ἑλλης Δαρδανίης λιμένεσσιν ὁ νυμφίος ἤγαγε νύμφην. πυκνὰ δὲ τίλλε κόμην, χρυσέην δ' ἔρριψε καλύπτρην	

Κασσάνδρη νεόφοιτον ἀπ' ἀκροπόλεως ἰδοῖσα. 390
 Τροίη δ' ὑψιδόμων πύλεων κληῖδας ἀνείσα
 δέξατο νοστήσαντα τὸν ἀρχέκακον πολίτην.

“Ontem um varão astuto vindo me raptou,
 depois da harmonia de Afrodite de belos cabelos.” [375]
 Falou. Ela levantou rapidamente e não vendo a mãe.
 Ela em voz alta muito aguda excessivamente gritou:
 Aves, filhos bem emplumados da raça aérea
 Dizei para Menelau quando partirem para Creta:
 Que um varão injusto chegando a Esparta
 Destruíu toda beleza de suas edificações
 Na verdade, quando chorava produzia um som pelos ares

 E pela cidadela dos Cicônios e a passagem Eólida de Hele
 O noivo conduziu a noiva aos portos da Dardânia
 Cassandra ao ver o recém-chegado da acrópole
 Troia abre as trancas das portas elevadas
 E recebe novamente o cidadão princípio dos males.

A criança acreditando ter encontrado a mãe e ouvindo dela o relato, esbraveja aos gritos que sua genitora havia sido levada à força pelo príncipe Troiano, colocando sua casa em desgraça e quebrando a regra de hospitalidade. Percebamos que todo o desenvolvimento da narrativa foi para tentar justificar a ação de Menelau e contribuir para que a vontade dos deuses prevalecesse, pois quem mais senão os deuses para querer iniciar esta guerra. Desde a escolha de Paris para ser juiz da disputa até a condução de Helena, todas as ações correram de acordo com os planos dos deuses. Coluto para que seu poema tivesse o impacto desejado, impulsiona o leitor a sofrer junto com Hermione e transforma o que seria um simples sonho em uma motivação para colocar Troia dentro de um cenário de guerra. O poeta chega a pedir que os leitores não se compadeçam da criança, todo este sofrimento e angústia causados pelo rapto não é verdadeiro, pois o sonho é falso.

Isso é realmente aceitável dentro desta narrativa, porém se o sonho é falso (δολοφροσύνησιν ὄνειρον, v. 369), as afirmações também deveriam ser falsas, pois ao ponto que Hermione declara por meio das informações recebidas em sonho que a mãe foi raptada e este fato é o fio condutor da guerra, pois, quebrando a regra de hospitalidade Páris provoca a reação de Menelau e coloca a cidade do rei Príamo em perigo. Ao narrar que Helena em sonho aparece para a filha fazendo menção que havia sido raptada o poeta acaba nos mostrando outra Helena, não mais aquela que ao se apaixonar por Páris deixa para traz tudo e segue-o ao comando dos deuses. Ela apareceria totalmente arrependida e na condição de vítima, nem lembra de longe aquela que demonstra interesse em conhecer as muralhas construídas pelos deuses Posídon e Apolo e se lança sem medo das consequências para Troia.

Outro ponto que devemos observar é que o desfecho funesto do poema só é percebido no momento da chegada de Paris e Helena à cidade troiana, pois Cassandra ao ver chegar os dois entra em desespero, pois em sua visão aqueles são os causadores da guerra e consequentemente os responsáveis pela ruína de Troia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo como esse requer muita cautela e esforço, pois reapreciar a obra de Coluto *O Rapto de Helena* é uma tendência pouco aceitável no meio acadêmico, no entanto, tentamos reavaliar um poeta que sofreu duras críticas no meio literário ao longo do tempo. Seria presunçoso de minha parte tentar aqui neste estudo iniciar um movimento em favor de Coluto e de sua produção, mas ao que constam nos estudos recentes está é uma vertente já em movimento e não serei o único a entender que a crescente procura pelos estudos relacionados à qualidade literária deste autor vem se intensificando a cada momento.

O contato com a obra de Coluto nos proporcionou acesso direto a um texto original, produzido em um período transitório da Antiguidade Clássica e o simples fato desta obra ter sobrevivido no meio literário por tanto tempo, deve ser levado em consideração, mesmo entendendo que as fortes críticas persistem em relação a produção da obra, no entanto, devemos remar em direção contrária quando o texto permite sustentar novas avaliações. Sair deste ponto de desvantagem e olhar para a obra de Coluto com mais cautela, pois, tendo em nossas mãos uma obra produzida em um período que exige dos leitores conhecimentos específicos referentes à tradição e na atualidade exige dos leitores conhecimento para entender nuances que a obra nos proporciona. Uma obra que junta dentro de sua narrativa (produção) traços de erudição, ironia, drama e sofisticação, merece, assim como lhe foi dada, nossa atenção na mesma medida e proporção que os estudos referentes à obra e à sua produção vêm crescendo. Assim como Giangrande classificou o poeta como erudito, a sua obra também parece merecer tal classificação, pois carrega dentro do seu estilo narrativo, ao nosso ver, qualidades que não devemos desprezar.

No que se refere à narrativa, o poema de Coluto é bastante complexo, mas o poeta consegue manter o leitor dentro de um universo aceitável de alusões que remetem sobretudo para os mitos. O enredo trazido por Coluto nos permite resgatar traços da tradição contidos nas obras clássicas a citar *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero. É justamente neste ponto que destacamos a importância do poema de Coluto, como um reforço para que se perpetue a tradição, pois, neste período transitório, percebe-se uma perda significativa de muitas obras. Desta forma, não podemos deixar de destacar que este texto escrito que nos chega é uma fonte de literatura que ajudou a manter a tradição e isso se comprova dentro da narrativa do poema e nas várias menções feitas a outras obras, sempre no intuito de se manter viva na memória a cultura e a tradição.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Marcelo. *O Humano em Homero*. Archa n. 8, 2012. p. 39-46.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis:1986.

BENVENISTE, Émile. *Vocabulário de Las Instituciones Indoeuropeas*. Les Editions de minut, Paris, 1969.

COLUTOS. *El Rapto de Helena*. Introducciones, traducciones y notas de Manuel y Emilio Fernandes Galiano. Madrid: Editora Gredos, 1987.

CADAU, Cosetta. *Studios in Colluthus Abduction of Helen*. Leiden, Boston: Brill, 2015.

CANFORA, Luciano. O Cidadão. In: VERNANT, Jean Pierre. *O Homem Grego*. Editorial Presença, Lisboa, 1999.

FREITAS, de Mônica Silva. *A hospitalidade em Homero*. Periódico acadêmico, UFRJ, 2019.

GONÇALVES, Felipe Garcia. *Uma leitura da Odisseia de Homero*: Tradução e adaptação de Frederico Lourenço. Bagé, 2017.

HOMERO, *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOMERO, *Iliada*. Tradução, posfácio e nota de Trajano Vieira, São Paulo: Editora 34, 2020.

MARQUES JÚNIOR, Milton et al. *O Rapto de Helena*, João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005.

MURRAY, Oswyn. O Homem e as formas da sociabilidade. In: VERNANT, Jean Pierre. *O Homem Grego*. Editorial Presença, Lisboa, 1999.

ORSINI, Pierre. *Collouthos L'enlèvement d'Hélène*. Paris: Societe D'editon Les Belles Lettres, 1972.

PÉREZ, Angel Ruiz. *Historia Editorial del Rapto de Helena de Coluto*. Universidade de Compostela, 2004.

PASCHALIS, Michael. The abduction of Helen: a reapraisal. In: CARVOUNIS, Katerina; HUNTER, Richard (Ed.). *Ramus: Critical studies in Greek and Roman Literature*. 2008, p. 136-150.

ROMILLY, de Jacqueline. *Fundamentos de Literatura Grega*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, 1984.